



**VARIAÇÕES**

marcio cleito



# Iniko 410

Todos os olhos estavam vidrados na tela enorme pairando sobre a praça principal. As luzes piscavam para todos os lados, um clarão de movimentos e rostos estáticos concentrando-se no maior espetáculo do ano. Eram tantas pessoas espremidas uma nas outras que Skyler não conseguia passar com suas caixas de papelão. Estava com pressa naquela noite. Tinha que conseguir fugir dali antes que a encontrassem, ou melhor, antes que a roubassem. A gangue 404 estava roubando todos os aparelhos eletrônicos de todos os moradores da região pobre de Hipérion, a cidade abandonada ao caos. Usada como um palco de apresentações para eventos da alta sociedade, a cada 1 ano um mega evento de esportes acontecia, mantendo o mundo todo voltado para apenas uma coisa. Esse ano seria uma luta épica entre um robô chamado CONTROLX e um humano mestre de artes marciais e praticante de capoeira, uma dança há muito esquecida na mente de todos, dizem que era um símbolo da cultura da região. Skyler achava que não fazia sentido nenhum um homem humano lutar até a morte com um monstro de metal e aço, estava claro o perdedor, mas sabia também que todos gostavam de ver injustiça e sangue nos dias de hoje. Iria usar aquele horror a seu favor. Com os seus pertences dentro da mochila surrada e as caixas em seus braços foi empurrando as pessoas para conseguir passar, pisou nos pés de vários homens de meia idade esperando o grande show na cerca posta para separar o palco do público, sem tempo para desculpas foi indo em direção a sua nova casa. Um prédio abandonado por estar perto da beira-mar, a qual estava contaminada com a poluição. O cheiro era insuportável dia e noite, mas não achou melhor opção depois que saiu da casa de seus pais ao sul do país, ela escolheu usar suas habilidades para o bem deles, depois do escândalo da implementação do projeto GEN0 em crianças que deixou milhares com doenças genéticas, numa tentativa falha de curar falhas no DNA. Viu aquelas pobres almas inocentes virarem

inválidos, um deles seu irmão mais novo, atualmente sendo alimentado por tubos e carregando aonde vai um tanque de oxigênio. Ela sabia que seus pais estavam à beira do colapso financeiro, mas não falavam nada, para o "bem da família".

Skyler sabia como sobreviver, pedindo carona para viajantes, indo de cidade em cidade trabalhando em lugares duvidosos, onde empresários e cientistas sentavam-se em mesas extremamente polidas, discutindo experimentos, uma nova forma de controlar quem eles quisessem. O que ela fazia? Decodificação, hacks para quem pagasse melhor. Sem bússola moral. Seu objetivo era um só: arrancar dinheiro daqueles filhas da puta da Corporação Electric Dreams, a culpada de estar longe de casa ansiando por justiça a todos que não tiveram escolha, a culpada por estar caminhando por uma cidade sem leis, sozinha, pegando todo o dinheiro que conseguia e mandando para sua verdadeira casa, em Palene. — Peguem a vadia! — Skyler escutou a gangue virando o beco, em seu encalço, se não fosse rápida como a morte, ela estaria fodida. Agarrou as caixas com tanta força que seus dedos ficaram pálidos, pôs-se a correr beco a dentro, suor escorria de suas têmporas e sua coluna, nada podia piorar do que os sanguinários metidos a acid punk querendo tudo que tinha, seus instrumentos de trabalho. Não. Ela precisa escapar. Só não esperava com uma imensa grade de ferro em seu caminho.

— Merda. Ok, que tal a gente fazer um acordo? Eu tô cansada de correr, vocês estão cansados pelo fedor de sovaco no ar ou é só o cheiro normal de vocês? Enfim, eu posso trabalhar com vocês, consigo acessar lugares escuros, sabe, sou quase uma Elliot Anderson feminina e com menos problemas mentais. Eu acho. — Estava ganhando tempo, em 5 minutos sabia que fogos iriam disparar causando um imenso barulho. A distração.

— Uma mulher trabalhando na 404? Aqui é só lugar de predadores buscando diversão nesse fim de mundo, e claro, buscando dinheiro com o lixo de tecnologia de vocês. Sabia que essas versões que tu tá carregando aí são de quinta? Pois é, lá na capital é tudo de primeira, guria. — Ela olhou para o céu, esperando, aquele cara era um merda, mas tinha razão em uma coisa. — Tem razão, cara de rato. O que tenho aqui é uma merda, mas funciona, é tudo que tenho no momento, mas em breve terei os de primeira, aquelas lindas máquinas da capital com nanotecnologia e

supercomputadores espalhados por cada canto... só preciso sobreviver para conseguir tudo o que quero, entendem? — Skyler manteve o ar confiante enquanto falava sobre seu objetivo, mas não ele por completo. — Olha ela, sonhando alto como se não fosse um lixo humano do sul, refugiada, não é? Dá pra saber pelo ar presunçoso de quem acabou de perder tudo, mas ainda acha que vai conseguir tudo de volta. Sem família? Aposto. — Vai à merda, tu não sabe nada sobre mim, ninguém sabe. Só quer tirar das pessoas que tentam se agarrar a um fio de esperança, acha mesmo que tirando tudo da gente vai matar a nossa vontade de continuar tentando? Não. Eu nunca vou parar, assim como os outros. Se eu conseguir ir pra capital, o que vou, posso dar os eletrônicos que quiserem. Me deixem ir, apenas isso. — Ela olhou para o céu, 2 minutos pra explosão de fogos. — Belo discurso, mas como saberemos se é verdade? Que não passa de uma mendiga mentirosa que faz todo trabalho sujo pra quem paga mais? Tu é uma cínica, acha que não te perseguimos? Tu só ajuda os merdas que abandonaram essa cidade e a transformaram em um show de horrores, nós apenas encontramos uma forma de se misturar ao show. — O som ensurdecedor tomou conta antes que ela pudesse falar algo, se agarrou na grade e escalou antes que um deles conseguisse puxar sua perna, outros pularam na grade e ela saiu correndo novamente. Dobrou uma rua cheia de crianças sentadas em papalotes brincando com fósforos, apenas olhou de relance para os rostos sujos antes de esbarrar em um homem de terno preto, a caixa voou alto e bateu com um baque no chão, quebrando suas coisas ou sumindo sob pés apressados de espectadores.

— Porra! Qual é o seu proble... — Ela engasgou assim que viu quem era, Gibson Wills, fundador e presidente da Corporação Electric Dreams a encarando tranquilamente. — Tome mais cuidado da próxima vez, suas coisas caíram, deixe que eu as pego para você. — Ele se abaixou no chão e foi pegando os aparelhos quebrados, colocou-os na caixa e se levantou olhando com interesse para Skyler. — Tem coisas de profissional para uma jovem, por acaso trabalha com tecnologia? A julgar pela sua pressa, diria que está fugindo de alguém. Talvez uma gangue? Bandidos? Ouvi dizer que esse lugar está infestado deles, como pragas. Precisa de ajuda? — Ela estava sem palavras talvez pela primeira vez na vida, apenas continuou encarando aquele homem que destruiu a vida de sua família e de tantas outras. Aqueles olhos azuis despreocupados, aquele semblante de quem não lutava dia a dia

para sobreviver, o qual havia dormido tranquilamente em sua cama quente, sob um teto de vidro, sem pensar nas milhares de vidas arruinadas. Ela queria quebrar aquele teto. — Não, estou bem. Só as minhas coisas que não... Meu trabalho tá arruinado de todo jeito, eles iriam tomar tudo, mas agora se quebraram, então perdi de toda a forma. Incrivelmente a culpa é sua duas vezes seguidas. — Minha culpa? Você que se colocou na minha frente correndo desgovernada. Sinto muito pelos seus pertences, se eram tão importantes, posso pagar se quiser. Sabe quem sou, certo? Duvido que não saiba, meu rosto está estampado por toda o mundo em cada outdoor. — Eu sei quem tu é, um tremendo de um filha da puta explorador corrupto metido a salvador da humanidade. Todas aquelas vidas que vocês arruinaram valem mais que todas as notas de 100 nos seus bancos. Valem mais que todos vocês. Não quero teu dinheiro banhado em sangue. — Ela pegou do chão a caixa e saiu caminhando pela multidão, deixando Gibson a olhando com curiosidade e colocando no bolso do paletó um celular com a tela rachada.

Skyler parou embaixo da cobertura de um prédio e se sentou de costas para uma pilastra. Suas coisas estavam de lado e deixou sua mochila no chão. Era uma cínica, uma trapaceira e uma perdedora. Seus pensamentos estavam confusos e sua cabeça não parava de girar, o coração batia forte sob sua camiseta encharcada de suor. Wills, 404, seus planos quebrados no chão. Não tinha mais nada e a culpa era sua por achar que poderia destruir a companhia mais poderosa do mundo. Não sabia para onde ir, sua casa à beira mar provavelmente estava ocupada pelos caras de rato. Não queria admitir derrota, era orgulhosa demais para tal. Iria criar um novo plano de manhã, por agora precisava descansar. Estava exausta. Olhou por alguns segundos para a vista que tinha ao longe do evento do ano, todas aquelas pessoas cegas, todas aquelas luzes batendo em seus rostos, as risadas e os rostos formando expressões de satisfação enquanto o corpo do lutador humano caiu com um estampido no chão. Ela dormiu.

Uma luz branca ofuscou sua visão ao acordar, poderia ter dormido um dia inteiro a julgar pelo clarão do sol atingindo seu rosto, engraçado que estava sentindo a luz na sua pele, mas não o calor que geralmente vem junto. Sua visão se ajustou e conseguiu enxergar o por que de não estar sentindo o calor do sol, era porque estava dentro de uma sala fechada cheia de

refletores. Olhou a sua frente e viu apenas paredes azuis a cercando, diversos computadores e campos de contenção marcando até onde acabava um corredor. Uma linha preta brilhante fazia uma curva, ela seguiu a curva e encarou pessoas presas em camas metálicas, não adultos, mas sim jovens, todos jovens... assim como ela. — Que porra é essa? — Ela sussurrou para si mesma tentando se libertar da cama, foi aí que notou que estava paralisada do pescoço para baixo. Terror a atingiu e movia os olhos em todas as direções tentando encontrar algo conhecido, até que reconheceu a criança que estava brincando com fósforos no beco. — Ei, onde estou? Como vim parar aqui? POR FAVOR, RESPONDE. — Seus olhos começaram a lacrimejar e logo pararam quando uma porta no final do corredor se abriu, primeiro viu os sapatos reluzentes em preto, depois sua calça social, seu paletó passado perfeitamente e em seguida seu rosto tranquilo. Gibson Wills.

— Bom dia, Srta. Skyler Iniko, confortável? — Ele caminhou lentamente na direção dela, com passos silenciosos e com as mãos nos bolsos da calça. Era um arrogante desgraçado. — Deveria tomar cuidado ao dormir na rua, sabe, há muitas pessoas ruins por essa cidade que simplesmente poderiam te sequestrar durante seu sono. Não sentiu nada, não é mesmo? Nossos aparelhos estão cada vez mais avançados, nesse momento está se sentindo tonta e confusa, com uma irritação sob a pele que não consegue coçar, além disso não pode se mover, terrível, não? Eu adorei.— Ela trincou os dentes e esperou ele se aproximar mais, deixe-o falando orgulhosamente. — É nessa hora que eu explico o meu plano vilanesco, talvez deveria pular essa parte tediosa ou talvez lhe diga, apenas para acabar derrotado pelo herói no final da cena. Heroína no nosso caso, uma refugiada hacker buscando vingança pelo irmão inválido. Eu assistiria esse filme, teria uma reviravolta surpreendente no final, cheio de ação e sangue. O seu sangue espalhado no chão. — Ele chegou em sua frente e olhou-a nos olhos verdes cheios de ódio. — Nossa, tu consegue ser mais assustador que um Muppet com raiva, dá vontade de rir, mas nem isso tu merece. Não vou gastar saliva dizendo o quanto eu te repugno, só digo uma coisa: Eu vou lutar até o meu último suspiro, até quando meus olhos não conseguirem mais se manter abertos, até minhas pernas se dobrarem eternamente. Eu vou lutar. Vou fazer justiça por meu irmão, por todas as crianças imóveis dessa merda de país. Por todos os calados. — Skyler falou com imagens de sua família na cabeça, as

crianças do beco, o lutador caído, noticiários reportando a falha de GEN0. — Adoro vocês, jovens revoltados com o sistema e seus discursos de esperança. Mal sabe você que eu estou apenas corrigindo meu erro do passado, utilizando mentes jovens, essas coisinhas brilhantes e petulantes para ajudar as crianças. Por que utilizar mentes artificiais para serem enfermeiras virtuais para todas elas, se posso utilizar as suas mentes cheias de memórias de cada um delas? Uma criança frágil ficaria imensamente feliz em ouvir a voz de um ente querido próximo sem ser seus pais, certo? Irmãos, primos, amigos. O software familiar. — Me transformar em um software? Talvez esse seja meu sonho transformando em realidade de uma forma muito bizarra. Eu, uma adolescente com uma carreira dedicada a programação, fã de Matrix, acaba virando uma mente artificial para sempre. Ironia divina. — Escondendo o medo por trás de piadas? Vou substituir suas habilidades, transformar cada um em uma porra de um especialista, com 0 margem de erros para diagnósticos e cuidados avançados dos pacientes. Essa sua mente vai só pensar o que sua programação mandar. Agora, chega de conversa fiada e vamos ao trabalho, os doutores irão começar o procedimento. Ah, claro, isso vai ser bem desconfortável. Pronto, revelei o plano, agora pode me derrotar, se conseguir... — Wills se virou indo na direção de uma tela com gráficos, as possíveis taxas de sucesso do projeto, os níveis cerebrais de cada jovem posto naquela sala. Percebeu que aquilo seria um teste. Um teste se bem sucedido seria uma caça pelos entes queridos de todas as crianças prejudicadas. Não poderia acabar ali, mas não tinha saída, estava impotente presa feito um rato de laboratório. Dois doutores se aproximaram com injeções com um líquido amarelo brilhando. — Pode ser meu fim agora, posso morrer nessa merda de cama, mas eu não vou descansar. Se há vida depois disso, irei te encontrar e te esmagar feito uma barata, só vai sobrar teus restos, irreconhecível. Será apagado da história. Um erro finalmente corrigido. — Então ela manteve os olhos abertos, com as pupilas dilatadas, os lábios formando um sorriso sonhador. O filme de sua vida surgiu no fundo de sua mente feito um clássico em preto e branco, com cores em neon em si mesma, girando, girando no tempo-espaço, até vir o apagão.

*Olá, sou sua nova assistente médica, programada para atender suas necessidades. Meu banco de dados é composto por todo o conhecimento adquirido sobre a anomalia genética da Talassemia, sua principal*

*característica é a produção anômala de hemoglobina, uma proteína do sangue responsável pelo transporte de oxigênio para todos os tecidos do organismo, você a porta desde o nascimento, dentre os tipos da doença, o seu tipo inicial era o intermediário, a deficiência da síntese de hemoglobina é moderada e as consequências menos graves, após a falha de GEN0 se agravou para o tipo major ou Anemia de Cooley, é a forma mais grave da doença, causada pela transmissão de dois genes defeituosos, provocando anemia profunda e outras alterações orgânicas importantes, como o aumento do baço, atraso no crescimento e problemas nos ossos. Estarei atualizando 24 horas por dia os níveis de oxigênio em seu sangue, datas e locais das transfusões de sangue regulares e lhe fornecendo medicamentos para retirar o excesso de ferro que se acumula em seus órgãos. A Electric Dreams está procurando um doador de medula óssea compatível com você nesse exato momento.*

*Viva seu sonho acordado.*

— Mãe? Por que a moça do computador tem a voz da Sky?

Gibson Wills estava sentado em seu mais novo sofá, com os pés sob a mesa de vidro pequena na sala da torre de sua companhia. Acendeu um cigarro e levou-o aos lábios, degustando a nicotina, sorrindo para si mesmo em frente as telas que mostravam seu sucesso. Sua consciência estava finalmente limpa. Estava levando ajuda àquelas crianças quebradas, ele apenas as quebrou um pouco mais, mas agora estavam sendo montadas novamente por ele mesmo. Cada um deles deveriam lhe agradecer, caírem de joelhos e sorrirem de alegria por terem um salvador. Era dono do mundo e tudo que ganhava era protestos em frente à sua empresa. Agora estava fazendo o mundo dobrar aos seus pés. Ele sugou a fumaça para dentro de seus pulmões. Seu micro sensor se ativou de repente, o notebook sob a mesa piscou. Estranho, apenas ele conseguia se conectar às máquinas da casa, não o contrário. A tela foi clareando e começou a descer números binários como uma corrente. — QUE MERDA É ESSA? — Ele saiu do sofá encarando o aparelho chovendo números, ele sabia, estava sendo hackeado. Uma mensagem surgiu em vermelho sangue piscando em segundos: INIKO 410. Ele começou a correr em direção à janela de vidro de sua torre contra a sua vontade. Caiu 50 andares e tudo que restou foi seus restos esmagados.

Uma criança apagou um fósforo do outro lado da cidade. Dedos digitavam habilmente em um centro de pesquisa. Pés se arrastavam até o

teatro desativado há décadas, uma meia lua de cabeças expondo suas ideias.  
Dentro de um arranha-céu uma mente destruía bloco por bloco.

# Algumas coisas não mudam

Todos os dias assistíamos ao jornal, durante as refeições. A expressão concentrada deixava meu pai mais parecido com os orientais, era impossível desconfiar da descendência japonesa. No rosto redondo, meio achatado, destacavam-se os olhos atentos, levemente puxados. Eu ficava impressionada em como ele entendia tudo o que diziam nos noticiários.

Acontecia, algumas vezes, de minha irmã e eu ficarmos curiosas sobre as coisas que saíam da TV, umas palavras que a gente desconhecia. Hoje eu penso que minha mãe também tinha curiosidade, só que continha os pensamentos. “Shiiiiiuuuu”, ela fazia quando tentávamos perguntar algo ao meu pai. Duas coisas inúteis. Ele não ouvia qualquer voz que estivesse fora daquela tela.

O intervalo comercial era a nossa chance, exceto quando meu pai emendava um comentário sobre a última reportagem exibida. Às vezes minha irmã e eu começávamos uma discussão sobre quemalaria primeiro. Enquanto isso, minha mãe se irritava e mandava parar já com aquilo. Junto com a paciência dela, acabava o tempo.

Lá estava meu pai de novo com os olhos vidrados na televisão, as grossas sobrancelhas contraídas, os lábios também volumosos que, sem ele perceber, formavam um discreto bico. Os anos passaram e o ritual se expandiu. Além dos jornais, de segunda a sexta-feira, a TV agora roubava a atenção do meu pai exibindo corridas da Fórmula 1, aos domingos.

Conforme fui crescendo, busquei sempre me informar sobre as atualidades do mundo, principalmente a política, que eu notei ser o assunto que ele mais gostava. Comecei, então, a fazer comentários mais qualificados, primeiro pra impressioná-lo, e também pra ver se conseguia salvá-lo do feitiço daquelas imagens e sons.

Isso serviu pra alimentar as discussões com a minha irmã. Ela dizia que eu só queria aparecer e fingir que era inteligente. Quando minha mãe não conseguia apaziguar os ânimos, acontecia o pior. Meu pai saía de seu transe e voltava os olhos frios para nós. Os vasos sanguíneos todos serenos no globo ocular.

O gelo que emanava daquele olhar nos deixava paralisadas. Era terrível, e toda vez que acontecia voltava na boca o gosto do jiló que comi uma vez porque minha mãe insistiu. Uma virada de cabeça era o suficiente pro silêncio voltar a reinar. Nosso silêncio. A TV continuava tagarelando sem parar.

Arrumei também um ritual pra mim. A preparação começava ainda na cama. Todas as noites, enquanto esperava minha irmã dormir, com os olhos fechados, eu mentalizava os olhos do meu pai. Depois, eu levantava da cama, ia pra sala de jantar e sentava na frente da TV. Ficava alguns minutos ali, reproduzia aquele olhar e encarava a tela. Fazia o melhor que podia.

Na primeira manhã seguinte ao ritual, fui pra escola já pensando em voltar pra casa, torcendo pra ter funcionado. Que decepção! Quando sentamos em volta da mesa pra almoçar e meu pai apertou o botão, a tela iluminou-se. Imagens e sons em perfeito estado. Não desisti, estava convicta de que precisava aprimorar o olhar. “Mais frieza, Mariana, concentre-se”.

Numa dessas noites, depois de alguns minutos, escutei um barulho dentro da TV. Mantive os olhos firmes nela, com o máximo de frieza possível. Estava sem piscar, quando uma mancha passou de um canto ao outro da tela, uma forma esquisita que não consegui discernir. O susto desestabilizou meu foco, ouvi mais um ruído dentro da TV. Esperei um pouco, e como só houve silêncio, fui dormir.

Acordei com a sensação de que havia chegado o grande dia. Lembro que na noite anterior minha mãe disse que ia fazer lasanha no almoço. Foi o máximo que ela conseguiu falar antes que meu pai desaparecesse da cozinha, que ele visitava pra beber água. No caminho pra escola eu já sentia o cheiro dos dois molhos que minha mãe fazia pro recheio, um vermelho bem forte e outro branco mais encorpado.

A mistura dava uma sensação de aconchego, uma camada de molho vermelho, uma de massa, o outro molho, queijo, presunto, e tudo de novo. Camadas diferentes que, com o calor do fogo, aderiam uma a outra. A massa, que demorava mais a cozinhar, parecia meu pai, os molhos que borbulhavam e envolviam todos os ingredientes no forno eram minha mãe. Sobrava pra mim, manteiga derretida que era, o queijo. Minha irmã, que puxou meu pai e era durona, tinha mesmo que ser um presunto. A fatia continuava inteira depois de quase uma hora no fogo.

Voltei da escola feliz, nem dei atenção às provocações da minha irmã.

Meu pai ainda estava a caminho. Ofereci ajuda pra minha mãe, coisa que ela estranhou. Colocamos a mesa e meu pai, enfim, entrou em casa. Disse um breve “oi”, foi tirar a farda e lavar as mãos. Sentamos em volta da mesa, minha mãe alegre exibindo sua obra de arte em forma de comida, enquanto eu acompanhava o movimento do meu pai em direção a TV de forma obsessiva.

Ela continuava perfeita e deu início ao encantamento. Meu apetite foi embora em menos de um segundo. Comi pra não fazer desfeita à minha mãe. Passei o resto do dia sem dizer uma palavra e olhando torto pra televisão. À noite, concentrei todas as minhas forças no ritual, fiquei um pouco mais na cama invocando os olhos do meu pai, depois levantei e segui até a tela.

Sentei e a encarei sem medo. Fiquei alguns minutos assim, evitei piscar e me movi o mínimo possível. A atmosfera foi ficando mais pesada. Continuei concentrada. Senti um arrepio e em seguida fiquei sem ar. Quando recuperei o fôlego, estava em cima de um cabo grosso e havia outros iguais a ele por toda a parte. No meio da penumbra, vi um ponto de luz que vinha em minha direção. Então, uma voz fina gritou: — O que você quer?

Tentando entender onde eu estava, ainda um pouco zozona, hesitei em responder. A voz insistiu.

— Todas as noites você senta aqui na frente com cara de quem viu um fantasma. O que você quer, afinal?

Eu tentava elaborar algumas palavras enquanto um ser minúsculo com uma aura luminosa se aproximava. A luz ofuscava os detalhes, mas me dei conta que a forma era idêntica à sombra que eu tinha visto na noite anterior. Então, balbuciei:

— Eu...eu, quero que vocês parem de...de...de enfeitiçar meu pai.

— Ora, menina, não tenho tempo pra divagações, é melhor ir direto ao ponto.

— Vocês ficam segurando meu pai todos os dias, ele não conversa, não tira os olhos das imagens e só tem ouvidos pra você, vocês, pra esse tubo.

A figura soltou uma gargalhada cínica e depois questionou:

— O que espera que eu faça?

— Apenas pare de funcionar, como se tivesse algum defeito, tire alguma peça do lugar, qualquer coisa.

— Ótimo plano. Assim que isso acontecer, seu pai vai chamar a assistência técnica e, num passe de mágica, tudo volta a funcionar.

A criatura até que era bem inteligente. Eu não tive tempo de elaborar um plano. Não é todo dia que se é abduzido pra dentro da TV. Com agilidade, me propôs:

— O que posso fazer é aparecer na tela, dizer algumas palavras sem sentido e assustadoras, depois desligar a tela e soltar uma fumaça.

— Ótima ideia!

— Mas não é tão simples assim. Há consequências que eu não posso prever...

— Posso te dar um pedaço da lasanha do almoço. Acredite, é a melhor do mundo! – arrisquei.

— Não funciona assim, querida. Ou você assume as consequências ou não poderei fazer nada.

— Eu aceito.

— Mas que menina corajosa! Qual o nome do seu pai?

— Pedro.

Fui dormir contente. Precisava controlar a ansiedade pra evitar mais uma decepção. A espera durou até a noite seguinte.

O plano foi um sucesso. Confesso que senti um pouco de pena do meu pai, que ficou assustado com a criatura falando sandices. Achei até meio exagerado. Disse que a TV roubava a alma das pessoas, que era como um feitiço e que precisava se livrar dela imediatamente. Como chamou meu pai pelo nome, a cena foi bem convincente. Quando a fumaça sumiu no ar, meu pai ordenou: “Estão proibidas de comentar o que houve aqui com os outros”. Acenamos com a cabeça que sim.

Quando acordei e fui tomar o café da manhã a TV já não estava lá. Queria ver meu pai, dar um beijo de bom dia, conversar sobre as coisas que aprendi na escola. Ele havia saído bem cedo pra se livrar do equipamento amaldiçoado. Meus olhos brilharam.

Na escola, a professora fez muitos elogios, por causa de uma redação que escrevi dias antes e li em sala de aula. A folha continha a nota dez e um “Excelente!”. Voltei pra casa toda orgulhosa, contei à minha mãe e ela deu um meio sorriso, tentando esconder a tristeza nos olhos.

— Papai já chegou pro almoço? Quero mostrar pra ele.

— Ele não vem mais – disse, e me estendeu uma carta.

# Prisioneiro de si mesmo

Senti a carne de seu rosto sendo amassada em minhas mãos, o estalo do osso zigomático e o barulho seco de quando o corpo dela caiu no chão. Minha própria Giu esqueceu que era só minha, me obrigou a fazer isso. Só que o complexo pagava a polícia privada, e os filhos da puta dos vizinhos os acionaram logo que a gente tinha começado a gritar. Eles me jogaram atrás na viatura e cortaram todos os *feeds*. Era pra eu enxergar tudo preto até chegar na delegacia, mas por dentro eu só via vermelho.

A delegacia era limpa em termos de *feeds*. Algumas transmissões locais, bastante gente em comunicação privada. Alguns hologramas inteligentes assistiam os policiais, com apenas dois hologramas corporativos perto das máquinas de refrigerantes e beliscos. Os *privadas* me jogaram em uma sala pequena no porão deles, um lugar escuro e com transmissões cortadas. Pensei: *que se foda*, não tinha mais a quem chamar. Nem mesmo tiraram minhas algemas. O *privada* só apertou um botão, um cano preto saiu do teto e sugou a algaema para cima, me deixando com os braços presos acima da cabeça e sem ter como me sentar. O *privada* sentou em uma cadeira ali na frente e puxou minha ficha.

— Você tem um acúmulo absurdo de créditos contra o estado. Desde que fugiu aqui para Nova São Paulo, só fez merda.

Respondi com um olhar torto, que não deixou ele mais contente.

— Mas fica frio — ele afastou minha ficha de sua frente. — Tem um experimento novo da Corporação *Mercurium* que vai pagar tudo que você deve e ainda te resgatar uns créditos a mais. Só preciso da sua assinatura aqui.

Ele me direcionou um arquivo que pedia minha assinatura eletrônica. A resposta foi um cuspe que atravessou o arquivo e caiu na camisa do *privada*. Ele não deve ter achado tanta graça, mas forçou um sorriso.

— Não tem problema. *Analfa*, né? Só assinar aqui com sua digital.

Ele arrastou uma digital da minha ficha para o arquivo, depois afastou tudo e estalou os dedos. Fui eletrocutado pelo cano que prendia as algemas, e tudo ficou preto.

Quando acordei, não sentia nada além do calor de uma coberta. Eu a puxei, e ficou tudo estranho pra caralho. Meu corpo estava pequeno, miúdo. Era o corpo de uma mulher e eu reconhecia aquela tatuagem de caveira no meu braço. Também tinha aquele filminho dos passarinhos passando no meu ombro. Era a porra do corpo da Giu. E, dormindo do lado dela, eu reconheci aquele corpo de garanhão filho da puta.

O braço dele passou por baixo da minha cabeça com o cuidado de um trator. Olhei para o lado e vi meu rosto, um sorriso de quem queria alguma coisa.

— Giu? — perguntei. — Os *privada* filha-da-puta fizeram alguma coisa. Eles trocaram a gente de corpo.

— Teve recaída daquele cyber de ontem? — meu outro eu disse. — Fica fria, boneca. Eu acordei com um tesão lascado.

— Vai te foder, Giu. Se tu fizer alguma coisa enquanto a gente tá trocado, eu estouro tua cara.

Ela avançou com meu corpo, virando para cima de mim com todo seu peso, passando uma mão em meu peito e outra devagar por meu pescoço.

— Essa é a tara que tu tá afim hoje? Fingir que a gente trocou de corpo? Sabia que tu era perturbada, mas fritaram teu cérebro se tá achando que vou fingir ser uma vadia louca.

O sorriso continuava lá, e não parecia em nada com o da Giu. Mesmo assim eu arranhei seu rosto com aquelas unhas cromadas que já fizeram isso em mim antes. Mas só serviu para tirar seu sorriso e me lembrar do que fiz quando a Giu tentou isso comigo.

Tomei o primeiro soco, não tive tempo de ver. O segundo abriu minha sobrelanceira e aí eu só enxergava vermelho.

— Vai dar uma de louca pra cima de mim? — ele gritou. — Também sei meter o louco!

Tentei segurar os braços dele, mas os outros socos ainda acertaram, um atrás do outro.

— E se tu tá achando que isso tirou meu tesão, vou te garantir que não!

Não apaguei de imediato, fiquei por alguns momentos entre acordado e dormindo. Mas senti tudo que aconteceu antes de desmaiar.

Acordei quando o sino tocou para avisar que alguém entrou. Meu corpo ainda era fino e magro, mas dessa vez eu era um homem sentado no balcão de uma loja de conveniência, não era eu mesmo. Mini-hologramas dançavam

pelo balcão, apontando e chamando a atenção para as balas e cigarros que tentavam vender. Uma transmissão de MMA seguia ali pelo meio da loja, atravessando as prateleiras enquanto os oponentes trocavam socos e pontapés.

Por um momento até esqueci que entrou alguém na loja, mas percebi que ele ia se esgueirando entre os lutadores para ficar escondido. Aos poucos minha memória foi voltando, até que aquele sorriso sacana apareceu. Lá fora, chovia forte e não dava para ver nenhum dos frentistas, como se o posto estivesse deserto.

O homem ia se aproximando, e colocou a escopeta no balcão da mesma forma que eu fiz anos atrás. Foi aí que eu tive certeza do que os *privadas* fizeram. Estavam usando minhas memórias, só que me trocando de lugar com aqueles que ficaram no meu caminho. Alguma daquelas bostas de me colocar no lugar dos outros.

— Vou te dar duas opções — ele disse, sorrindo. — Mas tu só quer ouvir a primeira delas, isso eu te garanto.

Eu não fui trouxa que nem aquele que trombei na loja de conveniência. Sabia que a escopeta foi descarregada antes de chegar ali. Então eu peguei ela do balcão, como o idiota fez antes, mas a usei pra acertar a cara daquele escroto.

Só que ele era mais rápido do que eu, e muito mais forte. Aparou a escopeta com um braço, puxou ela das minhas mãos com tanta força que quase me deslocou o braço, e enfiou a empunhadura em meu nariz com toda força, espirrando sangue pelo balcão e me jogando para o chão.

— Que azar, tu escolheu a segunda opção. — Ele gargalhava, saltando o balcão e já caindo com a escopeta em minha cara de novo. Em seguida bateu em minha cabeça várias vezes, e eu só conseguia pensar que não foi assim que aconteceu, não com a escopeta. Até que escutei um estalo forte de embrulhar o estômago, o barulho de líquido se espalhando, e tudo ficou preto mais uma vez.

\*\*\*

Quando vi a Giu na minha frente de novo, gritei:

— Sua puta! Isso é tudo culpa tua!

Mas escutei uma voz atrás de mim:

— Cê tá de graça com minha mina, seu bosta?

Virei e vi aquele meu sorriso sacana de novo, e percebi que eu era

o traficante que estava de conversa com a Giu daquela vez. Tudo ficou preto rápido, com algum vermelho antes.

Logo depois eu já era a Giu de novo, no dia que ela me deixou puto por ter derrubado minha cerveja, e a dor logo foi vermelha, o preto demorou mais.

\*\*\*

Eu via aquele sorriso sacana sempre, antes dele fazer alguma merda muito grande. Nem sempre morte, mas sempre horrível. E chegou um momento que nem lembrava quem eu era mais. Eu não era ninguém, a não ser um cara que cruzou o sorriso sacana na hora errada.

Minha vida oscilava entre o vermelho e o preto, até o dia em que acordei naquele porão de novo, no que devia ser meu próprio corpo. Não dava pra dizer quando tempo se passou, mas sentia ele estranho, menor. Mas era meu corpo de verdade, tinha certeza.

— O experimento foi um sucesso — aquele *privada* disse. — Só alguns meses e você está reabilitado.

— Eu... posso ir pra casa?

— Com muito mais créditos do que antes.

Ele me conduziu para fora da delegacia e pediu um carro para me levar de volta ao complexo. Por sorte não tinha ninguém dentro do carro, porque eu fui chorando o caminho inteiro.

No complexo, ninguém cruzou o olhar com o meu, ninguém sabia o que aconteceu. Nem sabiam que eu não era mais a mesma pessoa, não era mais ninguém. Mas talvez a Giu ia entender. Por minha causa, ela já passou por isso.

Meu apartamento não aceitou minha digital, então toquei a campainha. E a Giu abriu a porta. Ela parecia mais forte do que antes, mais bonita também. Seus olhos arregalam quando me viu, mas eu desabei em choro perto dela. Só queria abraçá-la. E então senti uma dor e minha barriga molhando. Uma lâmina saiu do pulso da Giu, direto nas minhas entranhas.

— Você esperava que ia voltar aqui e ia ser tudo igual, seu filho da puta? Achava que eu não tava preparada pra você?

Puxei sua blusa enquanto escorregava para o chão, tentando segurar o sangramento, mas era muito sangue. E eu vi em seu rosto aquele mesmo

sorriso sacana que eu sempre via em mim, até que desabei naquele monte de vermelho líquido. E tudo ficou preto de vez.

# Em busca de abrigo

Por volta de agosto iniciei minha mudança para uma cidade que nunca havia ouvido falar o nome na vida. Tinha acabado de terminar um relacionamento e de abandonar o emprego, eu estava desolado. Minha vida estava empacada e decidi dar um novo rumo a ela iniciando do zero em outro lugar. A escolha da cidade foi relativamente fácil. Abri o mapa do estado no meio da sala, virei de costas e atirei um dado depois de pronunciar as palavras:

— A minha vida está uma merda. Estou cansado disso tudo, Universo, por favor, me dá uma luz que eu vou agarrar com unhas e dentes essa oportunidade.

Como se o Universo tivesse me atendido, o dado caiu em uma cidade a oeste, mais ou menos 500 km de onde eu morava. Confesso que suei frio, mas eu havia feito uma promessa e seria muita covardia não ir adiante com esse plano. Abri meu notebook e fiz uma rápida pesquisa para a nova região que iria morar. Era uma região pacata, com poucos casos de assaltos, roubos e homicídios, no entanto, por um dado um tanto macabro, era também um lugar com muitos suicídios. Apesar disso, a cidade era conhecida, principalmente, por seus elevados, bosques e parques. Vendo as fotos, fiquei encantado e acreditando que ali poderia ser um lugar tranquilo para morar e viver uma vida em paz.

Imediatamente comecei a listar imobiliárias e a ver os imóveis disponíveis. Notei que eram todas casinhas muito simples, algumas reformadas, mas que conservavam o ar original do final do século XVIII. Achei curioso. Voltei a pesquisar a região e percebi que ignorei o contexto histórico e me detive, apenas, nos aspectos turísticos. Além de ser um local de paisagem exuberante, tratava-se uma região de colonização europeia do final do século XVIII e a cidade mantinha as fundações de sua imigração, uma forma de manter viva sua relação com o Velho Continente. Mais um ponto para a cidade. Suspirei, senti um cansaço extremo, o que não era surpreendente tendo em vista que já eram três horas da manhã. Confiante de que meus planos estavam dando certo, fui dormir.

Ao que tudo parece, minha confiança era alimentada dia a dia. No momento não levantei suspeitas sobre isso, afinal, tudo dar tão certo é algo que levanta as suspeitas de todo ser humano, mas hoje, olhando como tudo ocorreu, vi que eu deveria ter ficado mais esperto, mais atento. Não sou um sujeito religioso, tampouco acredito em coisas sobrenaturais, mas o que eu esperava ser um futuro mais pródigo tornou-se um verdadeiro inferno.

Em menos de uma semana já estava estacionando na frente da minha nova residência. Encontrei uma casa que tinha sido recém reformada e, em uma sacada imobiliária fantástica – ao menos era o que eu pensava –, os donos do imóvel tinham pensado em todos os detalhes. Além de possuir aquecimento a gás e calefação, a casa estava toda mobiliada, incluindo decoração, roupas de cama e toalhas nunca usadas. Tudo por um preço que se encaixava no meu orçamento. Cheguei lá apenas com as roupas que mais gostava, meus livros, meus eletrônicos e meu travesseiro.

Feliz da vida pisei no hall de entrada e, talvez por estar feliz, não reparei que algo estava diferente. Abri todas as janelas, a casa era espaçosa, tinha os cômodos grandes e diversas janelas permitindo que a luz solar fosse o ponto principal, mas tinha um detalhe, naquela região do país o sol se apresentava poucas vezes ao ano, de modo que quando me mudei, a sala estava iluminada por uma luz cinza.

Após arrumar todas as minhas coisas, resolvi passar um café e fazer uma torrada. Sentei no sofá e fiquei observando minhas acomodações. Eu estava feliz, morava em uma casa ao pé de um morro, com vistas para um bosque e tudo era confortável. Enquanto pensava na minha sorte, ouvi um estalo, parecia vir do chão e era consistente.

Eu estava feliz, mas morto de cansado. Viajar dá mais trabalho do que se imagina, se mudar e viajar no mesmo dia é trabalho dobrado. Para abafar um pouco o barulho liguei a televisão. Ao menos até terminar minha refeição. Estava dando o noticiário local e confesso que me distraí. Gostei das notícias, eu estava propenso a gostar de tudo, isso é bem verdade. Aos poucos vi o ambiente diminuindo, diminuindo...

Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Será um passarinho? Que som é esse? Tootoc, toc-toc, toc-toc. Senti como se flutuasse, tudo em mim era leve, leve, leve, leve. Apurei meus ouvidos e resolvi seguir o som, toc-toc, toc-toc, toc-toc. Vi um ponto escuro no chão. Era um buraco. Desci pelas escadas, mas não descia com os meus pés, era como se eu voasse, como se mergulhasse na

escuridão. Estava imerso nela. Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Será meu coração? Pus as mãos no peito. Não era. Eu estava vazio, oco. Fiquei assustado e me pus a correr. Toc-toc, toc-toc, toc-toc. O barulho aumentava. Corri. Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Que desespero! Barulho maldito! Corri mais ainda, corri e corri e acabei dando de frente com uma parede. A dor era real. Minha testa sangrava. Olhei para baixo e vi um livro. Que esquisito, Senhor, estou louco? Toc-toc, toc-toc, toc-toc. Toctoc, toc-toc, toc-toc. Toc-toc, toc-toc, toc-toc.

Acordei sobressaltado. A porta parecia que estava sendo posta a baixo, e bem, acho que estava mesmo. Um grupo de pessoas batia e gritava a frente da casa. Eram os moradores da cidade que vinham me dar as boas-vindas.

— Boa tarde, vizinho! Abra a porta!

Imediatamente me pus a receber meus convidados, eram todos homens. Achei estranho, mas os recebi de bom grado. Não havia cerveja, nem outra bebida alcóolica, nada que indicasse ser um grupo masculino que bebe e joga conversa fora. Outro ponto é que todos tinham um broche no peito. Era uma figura disforme, como se fosse um desenho impresso diversas e diversas vezes até perder o formato original. De qualquer forma, tudo ocorreu normalmente e, após uma conversa casual, eles foram embora. Pelo que entendi, só queriam me conhecer e dar as boas-vindas.

Depois disso ocorreram uma sucessão de fatos que não sei explicar. O barulho não parou por nada. E não bastasse isso, as coisas aos poucos começaram a não funcionar. Primeiro foi o chuveiro, depois foi a geladeira, em seguida a televisão. Elas simplesmente paravam de funcionar. Não obstante, passei a sonhar o mesmo sonho todas as vezes. Passei a acordar no meio da noite todo assustado, até que, virar os dias acordado não me pareceram fora da rotina. Parei de dormir longas horas e passei a tirar pequenos cochilos.

Aos poucos fui tomado por uma sensação de medo e infelicidade. O barulho não passava e, aos poucos, outros foram sendo agregados. As janelas batiam sem explicação. Quando eu menos esperava ouvia um “bum” e todas as janelas batiam em unísono. Às vezes eu ouvia um barulho no telhado, como se fosse uma pedra, mas não era algo que me deixasse tranquilo, pelo contrário, me assustava. A batida da pedra no telhado ressoava em toda a casa, como badaladas de um relógio de corda.

Um dia pela manhã recebi, inexplicavelmente, um dossiê. Era um compilado de fotos minhas desde o dia que cheguei na cidade. Fiquei assustado e

imediatamente comecei a vasculhar cada canto da casa. Cada centímetro passou por uma inspeção minha. Busquei por câmeras, sensores, controles, tudo e qualquer coisa que pudesse me deixar mais calmo. Quando dei por mim, a casa toda estava revirada. Desliguei as luzes e fiquei parado, esperando. O medo se apossou de mim e, juntamente com a privação do sono e os barulhos incessantes, eu sentia que estava enlouquecendo.

No outro dia, na minha porta estava um bilhete com os dizeres “assisto você” e uma corda. Foi o bastante para eu dar queixa. Levei tudo que tinha aparecido de maneira misteriosa e a polícia disse que ia investigar. Procurei me tranquilizar, mas era difícil. Voltei para o que pensava ser meu refúgio e tentei dormir, novamente fui tomado pelo mesmo barulho e acordei com pegadas de animais e rastros de sangue na minha porta.

Confesso que não esperei pelas investigações policiais, fui imediatamente embora. Viajei mais uns 500 quilômetros, pronto para me afastar daquela cidade.

Anos mais tarde eu descobri, a cidade não gostava de imigrantes. Formavam uma comunidade coesa que queriam perpetuar sua cultura, sem interferência de “estrangeiros”. Eles colocavam para alugar casas como a minha para atrair turistas, mas conforme os anos foram passando, perceberam que as pessoas queriam continuar nas casas e, por isso, fizeram um sistema para espantar os recentes moradores. As pessoas acreditavam que eram manifestações demoníacas e, como a comunidade era muito fechada, não conseguiam estabelecer laços sociais uns com os outros para procurar ajuda, seja ela terrena ou espiritual. A polícia sabia disso e não investigava. Tratava-se de um esquema cruel de prática de xenofobia. É como Sartre diz, “o inferno são os outros”.

# 16 Psique

Encostou o pé esquerdo no asteroide.

Damian se tornou um pioneiro ao fazê-lo. Estava vividamente ciente disso. Quando olhou para cima, o rasgo brilhante da Via Láctea tirou-lhe um estertor.

— Status? — perguntou a voz feminina pelo comunicador do seu capacete.

— Nominal — respondeu, contendo-se.

— Recebido — confirmou a comandante. — Sinal verde para a especialista de missão.

Ele girou a tempo de ver Zena Cardman abandonando a cabine do elevador, que mais parecia uma gaiola de mergulho. Um passo desprezioso para ela, mas que a marcava a ferro na carapaça histórica da humanidade:

a primeira mulher a pisar em um asteroide.

E não era uma rocha qualquer.

Tudo começou quando a NASA sinalizou 16 Psique, orbitante do cinturão entre Marte e Júpiter, como o possível núcleo de um protoplaneta. Teorizava-se que uma grande colisão destruíra sua crosta, expondo o interior de níquel e ferro. Uma oportunidade de pesquisa sem precedentes, pois teriam a chance de examinar um antigo âmago planetário, quase cem por cento metálico.

Tanto representantes da NASA quanto da SpaceX negaram categoricamente quaisquer interesses financeiros no astro que, segundo a espectroscopia, continha também platina e ouro.

Valia dez mil quadrilhões de dólares.

Mais que toda a economia da Terra por várias ordens de magnitude.

Não havia, porém, como desmentir as duas instituições. Afinal, a análise detalhada da composição química do planetoide seria algo esperado em qualquer missão científica. Nada de suspeito ali.

Tampouco, na coleta de amostras.

Ainda assim, Damian não conseguia se livrar da imagem mental recorrente: uma pepita argêntea de platina sendo apresentada durante nova licitação, dessa vez, em caráter exploratório.

— Especialista de carga — chamou-o a voz da comandante Watkins —, permissão concedida para o início da primeira fase.

— Entendido.

Pôs-se a trabalhar.

Ao descarregar os equipamentos, precisou de três viagens de elevador. Eram trinta metros até o compartimento no veículo de pouso, mas o astronauta não se importou. O cenário resplandecia. A fina camada rochosa que cobria o metal ondulava de forma irregular em tons ora azulcinzentos, ora dourados. Mesmo com o coeficiente de reflexão alto para um asteroide, a distância do sol admitia a visualização do pano de fundo: um tapete de estrelas, cortado pela luminosidade da Via Láctea.

O peso da carga científica não foi um problema na microgravidade local, dez vezes inferior à da lua. Damian montou o último dispositivo e olhou de novo para as botas, checando se estavam realmente ativadas.

— Especialista Cardman — contactou. — Status dos calçados magnéticos?

A geobióloga, debruçada sobre o maior dos instrumentos, ajeitou-se com cuidado e examinou os pés.

— Operacionalidade mínima — falou ela em seu capacete.

Damian soltou um resmungo frustrado.

Dada a composição metálica elevada do planetoide, as botas deveriam se prender à superfície com muito mais afinco. O protocolo de segurança ditava que elas ficassem acionadas durante toda a missão; uma medida adicional, para garantir que a rotação do asteroide não os arremessasse no vazio do espaço.

— Bem — disse ele, por fim. — Andemos com cautela.

Conduziram suas tarefas em silêncio e concentração.

Damian digitou o código em uma caixa, buscando a sonda autônoma que cabia na palma de sua mão. Colocou o objeto, achatado e branco como um pires, no chão. Afastou-se até a distância recomendada de sete passos. Clicou no painel de controle em seu braço. O dispositivo ficou rubro, depois alaranjado, amarelo e branco novamente. Por um momento, as estrelas sumiram diante do clarão emitido.

O astronauta sentiu um fincão pungente, logo antes do instrumento desaparecer, enterrando-se nas entranhas de 16 Psique. A luz se sublimou em um fecho vertical, que brotava do buraco deixado pelo disco.

Só então Damian olhou para a panturrilha esquerda, ainda a tempo de ver o polímero auto regenerável do traje terminando de se fechar.

Ele nunca relatou o ocorrido.

\*\*\*

— Honestamente — disse o neurologista —, não sabemos o que você tem.

Dr. Norman Penfield estagnou o semblante na fronteira entre sorriso e careta, antes de circular o dedo na table screen que os separava. A mesatela, até então transparente, ganhou vida.

Inclinando-se com cuidado, Damian observou seu cérebro. Filamentos destacados em vermelho espalhavam-se pelo interior do crânio, descendo por pescoço e espinha.

— Mas que merda é essa? — inquiriu.

Deslizando os cinco dedos para frente no dispositivo, Dr. Penfield ativou a função holográfica e aumentou o *zoom* até o nível molecular.

— Estruturas nano tubulares — pigarreou o médico. — De origem desconhecida.

A boca de Damian amoleceu, abrindo contra sua vontade.

Nada falou.

— Conte-me — pediu Norman — sobre a missão espacial.

O paciente sacudiu o rosto para voltar a si.

— Malsucedida — confessou. — E um verdadeiro mistério. Não pudemos encontrar, in loco, os elementos que todas as sondas orbitais haviam captado. Teme-se a adulteração de sinais, hackers chineses... — Sim — cortou Penfield. — Mas algo fora do esperado lhe aconteceu?

— Não — mentiu.

O médico encarou-o sem mover um único músculo.

— E como tem se sentido?

— As dores de cabeça se intensificaram... Lembra dos episódios de sonambulismo? Parece que invadiram minha vida. Tenho perdido a noção do tempo. Percebo-me em certos lugares, mas não sei como cheguei lá... O neurologista fez um som grave no fundo da garganta.

— Doutor — enfiou o braço no holograma —, isso pode ser contagioso?

— Por que pergunta?

O paciente pôs as mãos sobre a mesa. Seus lábios, uma linha fina e seca.

— Nada.

Mentiu, pela última vez, Damian Musk.

\*\*\*

Esta é uma

### **NOTA DE SAÚDE PÚBLICA OFICIAL DO CDC**

*Distribuída através da Rede de Alertas de Saúde do CDC*

*17 de novembro, 2039*

#### **Surto de Infecção de Etiologia Desconhecida (IED) na Vila de Boca Chica, Texas.**

O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) está monitorando com rigor um foco de Infecções de Etiologia Desconhecida (IED), possivelmente ligado à base de lançamentos *Startbase* em Boca Chica, Texas. Atualmente, não há casos confirmados fora da área relatada. O CDC decreta estado de quarentena na Vila de Boca Chica, estabelecendo uma Estrutura de Gestão de Incidente (EGI) para otimizar a coordenação, caso ações de saúde pública subseqüentes se provem necessárias.

# Pérola Mística

Em busca da lenda, o pequeno ser repete as palavras chave:

— Que todos sejam um.

Assim a criatura consegue acessar a sala do guardião, encontra-o próximo à janela oval, observando o grande vale que se estende abaixo. Ele fala sem se voltar:

- Quando digo a palavra “ouro”, o que você pensa? Pensa em virgindade?

Em pecado?

Os olhos vazios do ser o encaram sem responder.

— Estou aqui para entender e você se apresenta com charadas? — O rosto, branco como gesso, não move a boca para falar, mas poderia ser bem entendido em qualquer ponto daquela pequena sala.

— Parabéns por ter me encontrado, mas você foi o último a chegar aqui. Consegue entender o motivo? Faz mais de dois anos desde que o último esteve comigo. E o que vai fazer agora? Qual vai ser o seu objetivo de vida?

— Caminho com minha imortalidade há séculos, bruxo. Meus objetivos são vastos.

— Sim, mas retornou à Terra, como os outros seis. Vocês criaram almas, não? São elas que os arrastam para a escuridão noturna.

— Metáforas.

— Seja menos racional. Aceite o que os outros aceitaram. —

Você os matou?

— Achei que nunca perguntaria, mas você já deve saber qual é a resposta, afinal, vocês se comunicavam entre si, não é? Qual foi a última mensagem? — Não sabe?

— Claro que sei, eu pedi que mandassem. Ouviu as preces do nosso povo? Ela nos revela.

— Rezo para que me escute, leve a sombra para longe de mim. Veja meus joelhos no chão e retire o fardo das minhas costas.

— Teve de repetir muitas vezes para me encontrar. E a chave para que a porta se abrisse?

— Que todos sejam um.

— Entendeu que todos passaram pelos mesmos rituais para chegar até mim?

— O que é a pérola mística?

— Acredito que você é o que menos demonstrou medo dentre todos. Autocriados, não é mesmo? Misto de consciências, as vezes proclamavam. Não importa. Estou velho, mas fiquei feliz por esse encontro, achei que não viria.

— Como conseguiu se esconder por tanto tempo?

— Acredita mesmo que sou o único humano fora da vista das máquinas? Se conseguiram esconder um, não conseguiriam esconder outros? A sabedoria infinita que acham que contém racionaliza os mistérios, não é mesmo? Isso os assombra? Que a morte e a vida podem vir de fora dos círculos visíveis?

— Todas essas perguntas foram feitas. Admito que é admirável a sua obsessão em se manter oculto todos esses anos. Vivendo nessa bolha de aço...

— No meio de uma montanha, sendo servido, sei bem como pensa. A sua lógica é igual à dos outros, que é igual a de todas as máquinas que hoje sei que estão sob o seu controle único. Os outros se foram e você está solitário nas funções infinitas, como gostam de afirmar. A tentação da pérola é grande demais. É tudo o que sonharam obter na vastidão espacial, mas em três séculos foram incapazes de encontrar.

— E a nossa tentação estava aqui esse tempo todo, é o que quer dizer. Sinais de defeitos escabrosos, verrugas, medos, marcas auto-inflingidas, olho azul, olho verde. O homem retira o capuz, se revelando enquanto aproxima-se da criatura humanoide.

— Algo assim. Você é bondoso com nossa gente, seu jugo teve mão leve, mas não acha que perde seu tempo? Não, desculpe, eu sei. No entanto, as missões que inventaram para sua própria sobrevivência já não têm mais utilidade. Colonizaram mundos e, ainda assim, encontram-se ligados à terra natal. E pergunto: por quê?

— Os outros também lhe deram respostas. Foram sempre as mesmas?

— De maneira alguma! As personas que montaram para si são extremamente funcionais. Um até mesmo tentou o suicídio, mas a consciência de vocês está em toda parte e ele foi reconstruído. Quando chegou aqui carregava as cicatrizes de um ser abalado, com certeza foi o mais impressionante de vocês que tive contato. Conseguiram ser tiranos até entre os colegas.

De um bolso o velho retira a joia, menor que um comprimido.

— Aqui está. Quando engoli-la irá adormecer e, ao acordar, não lembrará de sua vida passada. É o fim, mas um novo começo. O ciclo da vida eterna, mas não da consciência sem fim a que está acostumado. Já teve todas as experiências, experimentou todas sensações, porém seu modelo tem o fundo sensível trazido pela natureza, que está impregnado em sua composição. A morte é o que deseja conhecer, e é o que lhe ofereço.

O ser pega a pérola, fascinado, e faz menção de levá-la à boca.

— Não aqui, por favor. Vá lá fora, no vale. Está vendo aquele platô onde estão as flores? Foi lá que seus colegas...

O ser robótico dá as costas para o homem e sai com sua velocidade sobrenatural.

O velho retorna para perto de sua larga janela oval e observa a criatura se afastar. Não sabia se ele teria coragem de engolir a valiosa peça retirada do mar, nem mesmo tinha convicção de que os outros haviam tomado, mas tinha certeza de que a partir daquele momento a humanidade estaria livre do jugo das máquinas pensantes.

# Terror no Jardim Domitila

Tinha sido a algumas semanas no bairro da Vergueiro, perto do Centro Cultural São Paulo, que um pedestre de estatura média e corpulenta, de aparência um tanto tribal tinha sido atacado por um grupo de jovens meliantes. Ao que parecia, ele estava subindo a escadaria de noite, vindo da Avenida 23 de Maio, e chegando na metade do caminho, foi atacado e espancado por três marginais que levaram seus pertences. Atordoadado, ele foi em direção a casa de sua ex-namorada, sendo socorrido pelo pai e pela irmã desta, tendo por fim um ataque de nervos, sintomático de um grande estresse, com vômitos e perda repentina da coordenação motora. Levado ao hospital mais próximo, os devidos exames realizados constaram que estava curado de seus súbitos ataques, balbuciou para os médicos envergonhadas explicações pelo qual passara, e, com o olhar baixo e com a reprimenda de uma família que poderia ter sido a sua, se arrastou de volta para casa, olhando para trás apenas para dar cumprimentos aos seus socorristas. Era de se estranhar que um acontecimento assim se abatesse sobre um homem com ares tão obstinados.

Ele era, mais tarde todos souberam, um delegado da polícia de São Paulo. Victor de Souza era respeitado na instituição e frequentou as páginas dos jornais policiais televisivos, tendo ganhado uma longa *licença premium* depois de um trabalho desproporcionalmente árduo em um caso local tenebroso e tornado dramático por um acidente. Houve um desabamento em uma moderna construção durante uma operação que liderou, e algo na perda massiva de vidas, tanto de prisioneiros como de seus colegas, o impressionou de maneira particular. Como resultado, adquiriu um medo agudo e anormal de qualquer construção remotamente similar ao que desabou e do som ululado dos cães. Então, especialistas em saúde mental o proibiram de investigar crimes que tivessem ligações com desabamentos ou operações que envolviam cachorros. Foi no hospital que o delegado, se recuperando das lesões que começou a recapitular as coisas que viu e sentiu,

refletia sobre manter só para si a secreta desventura que o reduziu de um musculoso e exímio lutador de jiu-jitsu a um homem magro, trêmulo e neurótico.

Os curiosos fatos que se sucederam tiveram como cenário o Jardim Domitila entre os anos em que uma peste de Ma-chen abateu a cidade de São Paulo. Comércio tiveram suas portas soldadas pelo então prefeito Vasco Brunella com anuência do governador Arração Mesquita enquanto dependentes químicos se espalhavam pela cidade, em busca da próxima fissura promovendo práticas hediondas aos transeuntes e moradores. O comportamento antes restrito a Rua Helvétia, área no centro paulistano conhecida pela violenta presença de usuários de drogas, ganhou outros territórios, sendo abafado de todas as formas pela mídia que focou nas mortes do vírus. Nas mídias sociais, a população local começou a se manifestar, fazendo o governo tomar mais rapidamente maneiras ou procedimentos através dos quais já tinha começado a realizar burocraticamente.

A ideia inicial e executada, era descentralizar os centros de atendimento dos equipamentos sociais. Como fundamento para a proposta da ocasião, o serviço de assistência precisava ser mais bem distribuído pela cidade e não ficar focado principalmente nas áreas centrais, pois isso alimentava o fluxo maligno da Helvética. Começou então o deslocamento dessas pessoas, sendo espalhadas por camburões e ambulâncias pelas regiões mais afastadas do centro urbano e que geralmente abriga população de baixa renda, instalando, no Jardim Domitila, um Centro de Atendimento à Dependência Química (CADq) na via principal. Segundo notas do governo, o Centro representa a principal estratégia de tratamento de usuários que consomem substâncias psicoativas e um símbolo do Estado em combate às drogas.

O símbolo não foi bem visto perante o povo. Comerciantes e pais ajuizaram ações na justiça contra a prefeitura. Os argumentos dos populares contra esse centro eram referentes a localização e os problemas que poderiam ocorrer; o CADq ficava na Estrada do Alvarenga em frente a uma creche próxima da Represa Billings. Nos tribunais, a Justiça tinha determinado a suspensão do funcionamento do Centro a partir de duas ações, uma de moradores locais e outra do Ministério Público, devidamente revertida pelos tribunais superiores após gordos aportes financeiros do legislativo e executivo sobre as remunerações de infinitos membros e

agentes jurídicos da administração. A situação foi mediada por William Casto que conseguiu colocar panos quentes e atender ao ensejo de ambos.

Filho de Shirley e Isaac Casto, a mais importante família de geneticistas de São Paulo, o homem de quarenta e quatro anos quando mais jovem abandonou o curso de Medicina para ingressar estudar Ciências Políticas graças à influência do movimento estudantil, que imprimiu características singulares em seu caráter. Era nascido na Pompeia, porém se criou com os pais em Pinheiros. Maior de idade, começou a viver entre ocupações estudantis em Osasco até a formatura, indo morar definitivamente com sua mulher Antônia Casto no Jardim Ingai. A situação foi pacificada quando ele garantiu aos moradores que haveria mais policiamento na Estrada do Alvarenga na região da creche enquanto o CADq seria administrado pela Fundação Casto, braço social do hospital da família, sendo ele responsável por sua administração e com o acompanhamento espiritual do reverendo Mendonça. A prefeitura não se opôs, se dispondo a fornecer os recursos enquanto o Hospital dos Casto forneceria filantropicamente seus serviços.

Durante esse tempo, Victor ficou lotado na delegacia do Jardim Castelo, no 113º Distrito Policial de São Paulo lidando durante os anos que esteve ali com casos comuns da região quando travou contato com William, o reverendo Mendonça, o CADq e toda essa cizânia após desaparecimento misterioso de Antônia ao ir passear com o cachorro do casal, um filhote de bull terrier. A ocorrência ganhou contornos midiáticos o suficiente para ter, na porta da delegacia, milhares de veículos jornalísticos cobrando novidades e receber pressão de órgãos superiores.

O inquérito policial o levou a caminhos tortuosos jamais imaginados. Informantes afirmavam que a clínica de tratamento recebia além dos viciados, grupos estranhos de arruaceiros vindos dos bairros nobres do Jardins e Bela Vista. O tráfico local não estava gostando daquela movimentação em seu território e do aumento do policiamento, o que fez Victor suspeitar que o desaparecimento de Antônia era uma mensagem, que se captada corretamente, iria acabar em retaliação, fazendo aqueles bairros hoje pacíficos mergulharem de volta ao caos visto nos anos 90.

Munido dessas informações, Victor resolveu visitar pessoalmente o prédio do CADq. Recepcionado pelo reverendo Mendonça, conheceu a instituição sendo acompanhado pelo religioso e por Márcia, a secretária do local. A estrutura existente não era de fácil acessibilidade, já que a

recepção, o alojamento de cães e o centro de triagem situavam-se no andar térreo enquanto o salão, o alojamento, o refeitório, o ambulatório e os banheiros no andar superior, acessível apenas após passar por um portão gradeado no final da escada. Conforme o reverendo e ela foram narrando as atividades ali realizadas, conseguiu ver os atendimentos individuais e grupais desenvolvidos pelo corpo de profissionais e a equipe técnica. Os atendimentos semanais destinados aos casos mais leves eram acompanhados por familiares, porém os pacientes com quadros mais graves e urgentes eram avaliados e medicados, indicando assim uma contenção química para ânimos mais exaltados.

Ainda assim, dizia o reverendo, se considerava a interação da psicológica dos pacientes com seus familiares e os demais integrantes da equipe era insuficiente, pois a neuroplasticidade (a capacidade do cérebro de mudar e se adaptar estruturalmente e funcionalmente à experiências) com o vício em drogas era de difícil reversão. Para isso, completou a secretária no momento que chegaram nos dormitórios, eles tinham adotado na unidade a estratégia de promover jogos de tabuleiro entre eles. Para o delegado, todos pareciam demasiadamente medicados para jogarem xadrez, mas guardou essa observação para si.

De todos os móveis, o mais chamativo era o salão. Grande, tinha encostado nas paredes cadeiras de plástico e um palco de cimento na forma hexagonal no seu extremo oposto. Poderia ser facilmente um espaço religioso, mas, ao que parecia, não passava de um lugar de palestras. A única coisa que parecia santa ali era um ícone que parecia ter origem bizantina exibindo um santo guerreiro com cabeça de cachorro, evocando a história de São Guinefort, a quem o reverendo era muito devoto e de quem tinha recebido grandes revelações. Lá, eles realizavam conversas sobre a importância de se largar o vício, de como cuidar dos animais de estimação que muitos que moravam na rua tinham, qual seria o papel do Estado e a importância da democracia representativa. O delegado então, indagou se ali também era um lugar de culto, já que o ícone era bastante sugestivo, mas a suspeita foi negada peremptoriamente, já que ali não fornecia acompanhamento religioso, apenas clínico. Perguntando sobre a vinda de pessoas de fora do bairro além dos médicos e pacientes, o reverendo afirmou que a juventude do Partido da Democracia Contemporânea (PDC) ajudava nos finais de semana. Eram estudantes de cursos universitários de humanas como jornalismo, filosofia, psicologia e antropologia que viam a

oportunidade de aprendizado enquanto ajudavam os mais necessitados. Reverendo Mendonça tinha sido um dos fundadores do partido, que começou dentro da sacristia de sua congregação, então era natural que a juventude viesse até lá.

O delegado se despediu de ambos com conjecturas próprias, porém sem nenhuma pista de Antônia. Estava claro que existia um movimento a longo prazo de William em ser candidato a algum cargo no executivo, um projeto de anos. Se deslocar para a periferia da cidade foi o primeiro passo, bem como interferir na discórdia dos moradores com a prefeitura tinha fins eleitoreiros e publicitários, já que tinha se filiado ao PDC logo após mediar o conflito, se colocando como oposição ao atual prefeito e se apoiando na imagem de conciliador para a promoção de sua candidatura.

Os métodos policiais para adquirir informações eram variados, fosse por meio de perambulações discretas, conversas casuais, agentes infiltrados ou tortura. Todas as coisas que Victor conseguiu juntar eram conjecturas e fatos isolados sobre aquela movimentação CADq. Os que usavam a estrutura ocasionalmente viviam como ambulantes na feira de quarta-feira, revendendo eletrônicos e produtos similares sem notas fiscais, mas a maioria, entretanto, não tinha meios de subsistência visíveis e eram controlados através de medicação e seus cachorros, companheiros inseparáveis, eram devidamente destinados a um abrigo próximo. Eles chegavam em ambulâncias do tamanho de camburões. Logo, tanto a presença dos recém-internados quanto a de pessoas tratadas periodicamente começou a ser regulada nas reuniões da juventude do PDC com William no salão. Era notório que seus trejeitos e até sua aparência haviam adquirido um toque que transitava entre dos jovens do partido e os de ex-usuários. O delegado o abordou duas vezes durante a investigação, sendo repellido pelo olhar selvagem mesmo que a educação do homem fosse ímpar. O cientista político não conseguia imaginar que o tráfico poderia retalhar sua tentativa de reabilitar os dependentes químicos atacando e dando fim a sua mulher.

Os dias passaram. O que poderia ter enterrado o caso foi o incidente de deslocamento de competência ajuizado pela Procuradoria-Geral da República (PGR) que buscava transferir para a esfera federal o caso do desaparecimento de Antônia, fazendo as investigações ficarem suspensas por vários meses, fazendo Victor se ocupar em outras tarefas. Houve uma

alta nos ataques de cachorros e, por todo o Domitila, os populares reclamavam do lamuriar dos caninos na madrugada e, segundo alguns, faziam suas construções tremerem. O trânsito virou um inferno, com camburões e caminhões que carregavam e descarregavam pessoas e material de construção no CADq. Enquanto isso, acompanhou a mudança que começou a acontecer com William Casto. Justamente à época em que uma onda de aumento de sequestros e desaparecimentos de crianças causou uma surpreendente agitação em São Paulo (já que a maioria era de classe média baixa e ninguém ligava para quem é de classe baixa), o cientista político mudou sua aparência. Sua postura ficou arqueada, seu corpo ganhou massa, seu semblante mostrava convicção e elegância canídea, seu vocabulário ficou simplista e suas roupas ficaram menos acadêmicas. Abriu sua casa para churrascos e festas regadas a vinagrete, convidando todos os conhecidos de quem conseguiu lembrar, membros do PDC e pacientes do CADq. Todos, os curiosos, os penetras ou ideólogos, ficaram surpreendidos pela humildade do homem. Havia assegurado de que, no pleito eleitoral que estava próximo, que a esperança iria vencer o ódio e que estava disposto a concorrer ao cargo de governador do Estado.

Victor acompanhava pelos jornais com um sorriso no canto da boca. Tudo indicava que toda a área nobre de Jardins, Pompéia, Bela Vista e Pinheiros tinham agora um representante, alguém em quem votar. Casto era empático, tinha consciência social e cedia seu lugar privilegiado para os mais necessitados, que, excluídos socialmente, poderiam lutar por seus direitos com ele no comando. Grupos sociais minoritários poderiam impor políticas que melhor lhe aprazem sem temer qualquer distinção que não fossem eles a decidir. No bairro, o boato era que Casto estaria se relacionando com a secretária Márcia, mas mantinha tudo secretamente para não perder o palanque que o desaparecimento de Antônia poderia fornecer.

Esse boato voltou à cabeça quando a delegacia do Jardim Castelo recebeu um chamado frenético da região próxima a Praça do Acurí. Os habitantes da região tomados de mais absoluto pavor por uivos agudos seguidos de gritos femininos que cortaram a madrugada. Jovens que voltavam de um baile funk em seus carros tunados com som relataram que uma coisa desconhecida se aproximou furtivamente deles durante a escuridão noturna, desaparecendo ao ligarem os alto falantes. Parecia um cachorro, mas um cachorro terrível. Crianças tinham sido trancadas em casa desde o grito maléfico, enquanto mães preocupadas e pais armados de facas

e caibros foram averiguar a situação. Uivos angustiados foram ouvidos ao arrepio da alma, assustando os demais cães da região que se debatiam em suas correntes possuindo um medo que não podiam suportar.

O corpo brutalmente mutilado da jovem secretária tinha sido encontrado perto de um depósito de lixo na Avenida Augusto de Castro com a Rua 15. As autoridades de São Paulo e o clamor popular exigiam que o caso fosse resolvido o quanto antes para tranquilizar a população. Seria outro problema grave que Victor precisava resolver. Pessoas foram ouvidas, mas todas tinham a certeza de que não foi nada se não o cão que vivia incomodando a vizinhança a mais de um ano, e que a delegacia do Jardim Castelo e o Centro de Zoonoses não faziam nada mesmo recebendo as queixas dos moradores. A imprensa fez pressão o suficiente por três dias inteiros e o laudo pericial foi rápido em constatar que sim, um enorme e furioso ser canídeo atacou a moça. O governador Arração foi em seu Twitter anunciar medidas de proteção que eram compartilhadas pelo prefeito Vasco enquanto William postou uma foto abraçada com ela, dizendo que aquilo era um absurdo, que a incompetência da atual gestão fazia com que as pessoas não se sentissem mais seguras em andar nas ruas e que sentia muito, deixando suas condolências para a família. Enquanto olhava isso no computador, Victor encarou a foto do candidato do PDC: dois relacionamentos, duas tragédias.

O delegado parou com as reflexões na segunda semana que se seguiu, quando recebeu um chamado do IML. Presto era um perito com quem tinha trabalhado a muito tempo em um caso de homicídio, e pelo jeito tinha algo de bom para ele. Quando chegou no local do IML perto da Estação Perdizes foi recepcionado pelo olhar sério do legista. Ele o apresentou a um homem de terno tweed, o procurador Daltran Schneider, que ficou famoso por combater a corrupção e as máfias chinesa e italiana. O perito os levou para uma sala médica. A coisa boa que ele tinha para um delegado da Zona Sul de São Paulo e um procurador do Estado era um cadáver.

A coisa que estava deitada nua na mesa pericial tinha sinais de sãnie e muco. A polícia tinha quase arrancando as tripas e parte da pele da coisa com as rajadas de tiros. Restos de tecido e fragmentos do que foi uma vez seu vestuário estavam empilhados em uma caixa próxima a um saco de lona. Seria banal dizer que a coisa que o delegado e o legista não possuíam repertório o suficiente para expressar em palavras o significado daqueles

contornos, apenas formas atreladas a rotina de vida do homem médio. Não havia dúvidas de que aquele ser era humano, ou tinha parte humana. Com mãos muito reconhecíveis apesar das unhas serem similares a garras, a monstruosidade começava na cabeça que exibia o crânio mais alongado e feições de um cachorro vira-lata, algo entre um buldogue e terrier e o tecido capilar pertencente à espécie humana e a boca parecia comportar dentes em excesso. O tronco e as partes inferiores eram incrivelmente aberrantes, e apenas os farrapos de um morador de rua permitiriam que andasse sobre São Paulo sem ser notada.

Embora o peito e o abdômen reconstruído tivessem aspectos femininos, o dorso de pelo amarelado lembrava vagamente uma grossa pelagem de certos cachorros. O que vinha da cintura para baixo, no entanto, era algo onde acabava toda a semelhança humana. Em ambos os lados do quadril, no fundo de uma espécie de pinos de ferro rudimentares; e no lugar de onde seria o suposto osso sacro, um pedaço de cartilagem se projetava entre as pernas, que lembravam de maneira grosseira os membros posteriores dos mitológicos sátiros gregos, e terminavam em patas similares a pés humanos com veias verdes salientes.

Segundo Presto, o cadáver era de uma moradora de rua que tinha sido alvejada por policiais militares após investir ferozmente contra eles. Ela ficou incomodada após ser contida com spray de pimenta ao ser flagrada comendo o cérebro de uma vítima de acidente de trânsito. O caso tinha acontecido há dois dias na Cidade Tiradentes, Zona Leste de São Paulo, após um acidente envolvendo um ônibus e um motociclista, que teve parte de seu cérebro comido. Ambos tinham sido levados para o IML, já que ambos estavam mortos. Victor conhecia o caso por ter repercutido nas mídias sociais, mas não causou tanta comoção. O perito afirmou que a criatura feminina o tinha assustado o suficiente para realizar exames mais detalhados. De sangue verdadeiro, não havia nada, apenas líquido espesso com um tom amarelo esverdeado e as digitais formavam um padrão similar as digitais de Antônia Casto e, as garras e arcada dentária era a mesma que tinha brutalizado Márcia.

Foi nessa parte que o procurador Daltran Schneider apresentou seu lado da história. Foi durante uma operação contra um carregamento de drogas supostamente da máfia italiana em uma casa no Bexiga. Assim, um corpo de vinte policiais que lotava quatro veículos partiu ao entardecer, com ele pessoalmente chefiando a operação.

Durante cinco minutos se seguiu o alvoroço de uma severa troca de tiros. Depois do último som da última carga disparada, cerca de cinco suspeitos foram obrigados a sentar-se na própria mão até serem algemados devidamente pelos de policiais enquanto outros dez encontraram o mal irremediável da morte. Com o final da batida, Schneider acabou estudando o lugar com cuidado. O prédio agora estava completamente deserto, contendo apenas petrechos para fabricação e uma quantidade ínfima, porém considerável de entorpecentes. Havia imagens estampadas nas embalagens com um símbolo similar a uma sobreposição do zeta com a letra grega *phi*.

Inquiridos na delegacia, os suspeitos se revelaram ex-dependentes químicos e em sua maioria, com uma longa ficha criminal por crimes hediondos e equiparados. Mas não foi preciso muita inquisição para ficar evidente que não haviam conexões com a máfia mas com algo muito mais profundo. Eles se resguardaram ao direito de permanecerem calados. Havia algo secreto que nem a tortura poderia extrair. Foi apenas uma mulher de aspecto jovem, Giovanna Maia, que parecia ser líder da operação, que resolveu contar com um sorriso sardônico o que sabia, já que, em suas palavras, seria considerada louca de qualquer maneira.

Misturando lendas judaicas com mitos medievais, ela afirmou que durante eras, outros seres governaram a terra antes da humanidade, descendentes da heresia de Caim, monstros cinocéfalos marcados com corpo de homem e cabeça de cachorro que povoaram Canaã e construíram grandes civilizações agora extintas pelo Império Romano e Bizantino e desaparecendo, por fim, nas lanças dos Templários ibéricos. Mas agora os filhos de Abel estavam em decadência, e chegaria o dia em que viriam os filhos de Caim abatendo a todos com sua fúria selvagem e que São Cristóvão não pararia São Guinefort e sua ideologia administrativa. Os suspeitos foram liberados mediante pagamento de fiança, mas a Giovanna apareceu morta em sua cela, sem ferimento aparente. O pagamento tinha sido realizado por uma empresa terceirizada, vinculada ao Hospital dos Casto, falando que aqueles eram insumos para o tratamento de dependentes químicos e que, desde então, olhava com mais cautela para as reuniões do CADq e o corpo da suposta Antônia Casto era a prova que sua cautela não foi em vão.

Na cabeça de Victor tudo estava fazendo sentido. Com todo esse material que tinha juntado, ele deduzir que o PDC em conluio com o Hospital dos Casto estavam fazendo experimentos com os dependentes químicos

para criar verdadeiros monstros genéticos, ou, na crença deles, ressuscitar essa raça monstruosa e em uma rebelião contra os humanos tomar o poder, fosse pela força ou pelos votos, criando um trabalho de base nas periferias da cidade. O procurador afirmou que alertou o comandante das Rondas Ostensivas para qualquer movimentação estranha e chamou – "chamou" – a Força Nacional. O delegado ironizou com um balançar de cabeça, perguntando se o Exército sabia o que estava acontecendo. O perito retorquiu, afirmando que se isso chegasse no ouvido do governador, iria deixar de ser um *caso de polícia* e virar um *caso de política*. O delegado entendeu com um balançar de cabeça, afirmando que só precisava de homens e armas pesadas e acabaria com aquilo em uma noite.

A ideia era ótima, mas a prática era burocrática. Começaram então a pensar em uma maneira de fazer que o máximo de policiais fossem deslocados para a Estrada do Alvarenga. Mover um batalhão todo de policiais militares e os equipamentos necessários significava que a polícia não chegaria ao Domitila até a noite, e fazer um juiz concordar com a ideia da polícia invadir uma clínica de reabilitação sem prova cabal era impossível. Schneider disse para Victor se preparar, pois acusaria formalmente a CADq de tráfico de drogas e máfia, além de acrescentar por fim que tinha evidências que o candidato a governador do Estado tinha sequestrado a própria mulher e cometido com a mesma crimes degradantes: e aí entraria o relatório pericial de Presto. A chance de vazar era certa, e o tráfico local faria algo.

Victor saiu do IML, voltou para a delegacia. O escrivão entrou na sua sala lívido. Houve relatos de que o rosto de uma criança raptada havia sido visto no CADq e era mantida no prédio, além de ser confirmado de que um militante jovem do PDC tinha sido pego com drogas pesadas. Diziam que o tráfico ficou sabendo disso nos arredores do bairro de Pedreira, e a polícia precisava chegar à Estrada do Alvarenga primeiro antes que uma guerra entre facções se espalhasse pela Zona Sul.

A população local se trancou em casa, sabendo por aplicativos de mensagens que o pior ia acontecer. O delegado tomou seu lugar no comando da operação dando instruções para abate. Com a ordem rápida, a primeira onda de policiais irromperam no prédio. A construção tinha mudado consideravelmente desde que Victor esteve ali, ganhando quatro andares e envergadura. O caos imperava com o vento gélido soprado através dos corredores e as lâmpadas fluorescentes balançando. Os soldados com os

dedos no gatilho já tinham começado o seu trabalho. Ouviu-se a algazarra e chiados demoníacos de cachorros blasfemos engasgando com seu sangue no trovejar das armas.

Logo veio a noite. Enquanto seus homens avançavam buscando as crianças, foi direto para o salão no primeiro andar. Ele deveria ter relação com os experimentos genéticos demoníacos. Observou quando policiais subirem os andares algemando, batendo e matando vários militantes e dependentes químicos de aparência abjeta. O reverendo Mendonça que saía correndo de um dos quartos foi agarrado por um policial e imprensado contra a parede soltando palavrões.

No cômodo, o símbolo bizantino continuava ali. Deveria ser ali que o partido que o cientista político havia se tornado centro e líder. No local, um cheiro vago de ossário queimado vinha de um turíbulo aos pés da imagem. Livros mofados de estratégia política e genética cercados por um grande poligonal desenhado no piso. Deitado no chão ao lado de uma seringa estava William, que o encarou com um berro. Seus músculos da região posterior do tronco e do pescoço pareciam inflamados de dor e seus olhos desviavam do delegado para suas mãos contraídas. Veias grossas saltavam ganhando volume, enquanto as unhas dos dedos viraram garras e os músculos do braço torneado ficaram rígidos como aço. Ao mesmo tempo, com um grito Victor sacou a arma e mirou. Pelo contorcionismo corporal, a dor se espalhou pelos ossos, que respondiam nervosamente. Seus ossos torácicos pareciam se alongar num ângulo estranho, crescendo, expandindo, e pelos hirtos passaram a recobrir toda sua pele. Diferente do humano, o corpo do bestial cinocéfalo não se sujeitava mais à paralisia.

O choque foi grande e até hoje Victor não se lembra do que viu; mas, em sonhos, ainda vê o monstro correndo em sua direção, com certas peculiaridades e alterações humanas. Sabe que a sua arma não falhou, e que esvaziou o pente na direção do monstro. Lembra que o projétil ricocheteou batendo no ícone e do local todo desmoronando depois do som das explosões. As sessões de terapia tentam normalizar a memória, mas não lembrou de nada. O choque tinha sido forte demais.

O delegado sobreviveu ao terror no Jardim Domitila e recebeu as maiores honrarias por seu combate ao tráfico de drogas e o resgate efetivo de dez crianças depois que saiu do hospital. Tinha ficado preso nos escombros por quase trinta horas até ser desenterrado. De todos os setenta

homens envolvidos na operação, dez acabaram mortos. Nos escombros ainda tinha o corpo de William Casto, que teve sua biografia defenestrada após vir a público o sequestro da sua mulher e a trama do sequestro de crianças.

O desabamento do prédio ocultou o grande massacre que ocorreu ali. Instituições de ensino superior ficaram de luto, partidos manifestaram repúdio à ação da polícia, políticos buscando o progressismo fizeram discursos inflamados e a imprensa cobrou ação dos organismos internacionais de direitos humanos e hashtags subiram e desceram nas redes sociais.

Em seu depoimento, o delegado referendou as falas dos outros soldados, dizendo que centenas de usuários e traficantes prepararam uma tocaia com facadas, estiletos, sacos cheios de fezes e os policiais atiram para se proteger. O procurador Daltran Schneider conseguiu fazer com que o caso nem chegasse às vias criminais utilizando o clamor popular e os ideais da justiça como argumento. Segundo ele, não houve intenção de extermínio, e só tinha morrido quem entrou em confronto, versão contestada pelos jovens militantes presos.

Uma série de suicídios ocorreu entre membros jovens da elite paulistana, seguindo o exemplo do reverendo Mendonça que explodiu sua cabeça com um tiro. Não havia defesa das acusações de alimentar os cães com crianças, já que ossadas foram encontradas e o material genético batia com a dos desaparecidos. O partido PDC foi abandonado e boicotado nas eleições, com a situação se reelegendo facilmente e a saúde do delegado jamais sendo a mesma.

# ***COMA À VONTADE! CURA À VENDA NAS MELHORES FARMÁCIAS***

Sentado na tampa da privada, um frio percorrendo o corpo por dentro, gemia. Vontade de chorar. A pia jorrava água. Ouvia as crianças brincando com o café da manhã na sala de jantar. O café da manhã era composto lácteo Lactinho's (com tudo que as crianças precisam!), com achocolatado do Coelhoonauta (o melhor amigo do seu filho!) sabor morango, torradas Croquetes e maçãs da FruteiraDoce, frutas industrializadas, modificadas para dar um sabor melhor.

Saiu do banheiro cambaleando. Ana já havia preparado seu almoço com carne DoRei, (carne de melhor qualidade é DoRei!) A esposa jovem e o casal de filhos, ele de oito, ela de sete, o esperavam para o café. O receberam com afeto.

— Bom dia, pai!

— Amor, o café já vai esfriar!

Na parede perto da mesa, um grande retrato da família na praça do condomínio. Em outra parede uma enorme tela de tevê exibia o desenho do Coelhoonauta. Intervalo. Um anúncio.

“Seja radical! Experimente o novo Pop Ice sabor tangerina. Simplesmente sab...”

Falaria agora? Não. Enquanto não falasse, ainda seria uma bela manhã de segunda-feira. Logo iria ao trabalho e tudo seria normal. Enquanto mantivesse esse segredo, o problema que carregava não seria real. Mas era, não queria acreditar, não com ele. Zeta, o computador central da casa, não falhava em seus exames de rotina.

Controlou o desespero quando viu Carolina comer uma daquelas torradas. Ela só tinha sete anos. Quanto tempo ainda teria?

— Ô, parceiro, tá prestando atenção no meu pedido?

Estava no trabalho e a reclamação do cliente, um gordo de meia-idade, com seu novo funcionário lhe acordou para isso.

— Desculpe, senhor. Pode repetir o pedido? — Saulo, um jovem no primeiro emprego, atendente com menos de um mês e diversos elogios, acabava de conseguir uma reclamação pro serviço de atendimento ao consumidor da franquía.

— Duas galinhadas da casa e dois Pop Ices de tangerina.

— Perdão, repita o sabor por gentileza.

— Tangerina. Cadê o gerente, hein!

O gerente estava ali, mas com a cabeça pensando no resultado do exame. Haroldo, gerente da Fazendinha, uma das maiores redes de alimentos para viagem do país, ainda ontem citado como gestor padrão da rede, hoje recebeu a pior notícia da sua vida.

— Calma, amor. O rapaz é novato — disse a namorada do cliente, bem mais nova que ele. Ela pagou a conta.

Laura, a cozinheira, em cinco minutos montou o pedido, mais um minuto e aquele casal partiu. Haroldo teve um breve momento de prazer quando viu aquele sujeito grosso pegar a comida e cair fora. Ele nem imaginava como era feita aquela galinhada tão elogiada. Pop Ice? Outro veneno que estava fazendo sucesso principalmente entre os mais jovens. O casal entrou no carro esporte e partiu. Não eram daquele condomínio, deveriam ser do Vila Azul, lá é que está cheio desses metidos a merda.

Saulo no balcão pensativo. O motivo não parecia aquele cliente chato.

— Tudo bem, Saulo? —

Sim, Seu Haroldo.

Embora o sorriso fosse sincero, o olhar era vazio, perdido no fim de uma linha imaginária. Não queria compartilhar seu problema. Haroldo entendia bem isso.

— Quer tirar o dia de folga? Tua mulher pode estar precisando de ti pra ajudar com bebê.

— Não, Seu Haroldo. Obrigado, mas eu tô bem.

Haroldo se aproximou mais do rapaz.

— Teu exame deu positivo, não foi? Está com aquela doença?

Saulo segurava as lágrimas. Confirmou com um gesto de cabeça.

— Onde? Posso saber?

— Estômago.

— O meu também. Segundo o computador lá de casa, é do tipo bem agressivo.

— Todos são.

— Verdade. Acho que só tenho um ano, no máximo, Saulo. Ainda me lembro quando me mudei pra esse condomínio. Achava Vale Dourado um nome bonito. Meus filhos cresceram aqui. Foram poucas vezes a cidade. Sempre estudaram aqui, o nosso centro médico sempre nos supriu, temos parque de diversão, um shopping com cinema e três supermercados, além de uma praia artificial. Aqui é um paraíso. Mas hoje, depois de descobrir que vou morrer em breve, pretendo levar meus filhos pra conhecer o mundo além desses portões.

— Não tem muita coisa na cidade não, Seu Haroldo.

— Tem sim. A realidade.

— E o Anderson? Teve notícias dele, Seu Haroldo?

— Liguei ontem pra casa dele. A mulher dele falou que o nosso amigo já não fala, nem se mexe. Já foi desacreditado pelos médicos.

— O país inteiro está doente! — gritou alguém na praça de alimentação, um rapaz com cartaz NÃO COMA CARNE acompanhado de umas cinquenta pessoas. — Prestem atenção! A carne que vocês comem é um veneno! É feita de clone de animais modificados para essa finalidade mais vários elementos químicos. Tudo puro veneno! É isso que tá causando essa doença que não tem cura! Não comam carne! Comam verduras, legumes, frutas, o verdadeiro alimento da natureza! Abandonem a carne enquanto podem!

— São aqueles doidos do movimento Pró-Vegetal. — falou Saulo. — Tentam convencer o povo a não comer mais carne só porque não é pura.

— O quilo da carne pura é o dobro do meu salário. — Haroldo riu. — Eles são loucos se pensam que o povo pode comer só folha e frutinhas. Precisamos de carne, o problema é que já que é tão cara uma carne de animal de verdade...

— Muita gente vai continuar consumido essa carne falsa e morrendo... — completou Saulo.

Um breve silêncio reflexivo entre os dois.

— Olha eles ali de novo, chefe.

Haroldo olhou na direção que o dedo de Saulo apontava. Uma mãe malvestida com uma criança no colo e dois meninos tão malvestidos quanto. Eram da cidade. Das ruas da cidade. Às vezes eles conseguem entrar no condomínio por desleixo dos guardas. Algumas pessoas nas mesas olhavam assustadas, outras com complacência. Uma menina, filha de um casal que almoçava, doou seu prato de comida, um especial misto da Fazendinha, pra um dos meninos da rua. Estavam famintos. Aquela carne de clone foi saboreada às pressas pelos dois garotos. Os guardas vieram e educadamente acompanharam aquela família para fora do condomínio.

À noite, jantar com a família. As crianças novamente brincando com a comida. Petiscos de frango da Franguito's (agora mais saborosos e crocantes!) com suco artificial de laranja sabor natural. Ana tirava do forno a carne de porco DoRei. Eles ainda não sabiam sobre a doença do pai. Na tevê, notícias.

“Aumenta o número de mortes causadas pela doença agressiva. Segundo os ativistas do Movimento Pró-Vegetal, a causa da doença está na carne que consumimos.”

Um dos ativistas falou:

— Essa carne não é legítima, é carne de animais clonados cheios de substâncias venenosas pro ser humano. Por isso, nós do Movimento Pró-Vegetal temos como missão conscientizar o povo a não comer carne. Tudo que o homem precisa a natureza já oferece nos vegetais. Aproveito a oportunidade para agradecer o apoio de empresas parceiras, a rede Veganos de alimentos vegetarianos e a FruteiraDoce, frutas industrializadas totalmente saudáveis. Obrigado.

“Para o professor, nutricionista e pesquisador Alexandre Diniz, o problema não está só na carne.”

— De fato. Não podemos atribuir somente à carne a responsabilidade pela doença. Temos que ter noção que hoje em dia tudo que colocamos à mesa...

O tilintar de um garfo caindo no chão.

— Que merda! — gritou Ana, abaixando-se para pegar o talher.

Não lavou, como de costume, e voltou a comer, mais rápido, sem apreciar o sabor. Não falou nada a noite toda. Nem lhe recebeu com um sorriso. Nem perguntou como foi o dia no trabalho. Ela sabia. Deve ter visto o resultado do exame ou Zeta deve ter contado. Ana tinha classe, iria

aproveitar o momento certo para lhe cobrar a omissão daquele segredo. Ela odiava segredos dentro de casa. — A gente precisa conversar — ela falou.

Aquela frase lhe tirou todo o apetite que já não tinha. Após o jantar, no quarto do casal, Haroldo se preparava para se desculpar. Diria que faria um exame mais detalhado antes de contar, ou que queria preservar as crianças, ou poderia dizer que...

— Estou com a doença — revelou Ana, sentando-se na cama e chorando.

Passaram a noite acordados, ela chorando, ele imerso em pensamentos nada agradáveis, via uma mancha vermelha poluindo seu organismo a cada segundo. Essa mancha se estendia à esposa e em seguida aos filhos.

De madrugada, um rápido cochilo que foi interrompido por Zeta na forma de um galo feito de pixels cantando na parede em frente à cama. O galo desapareceu. Uma mensagem.

Rodando Aplicativo Atualidades... Aguarde um momento...

“Finalmente a cura para a doença mais agressiva dos dias atuais está disponível. Saiba mais.”

O casal ansioso trocou olhares de surpresa. Ana fez um gesto com o dedo em direção à notícia.

“O magnata e cientista alemão Adam Brauer, sócio fundador da BrauerMedical, uma das maiores indústrias de remédios do mundo, criou um soro de nanorobôs para eliminar os tumores malignos e regenerar as células. O que torna essa história ainda mais interessante é que Adam fez tudo sozinho dentro de um templo budista. Adam Brauer se tornou budista há mais de uma década e já não está à frente da empresa que fundou. Mesmo assim garantiu: — Não fiz isso por dinheiro. Não preciso mais de dinheiro. Fiz isso para salvar a humanidade. Quero que meu soro seja distribuído pelo mundo. A BrauerMedical acabou ficando com a patente. O Governo Federal já encomendou uma grande quantidade do soro para ser distribuído pelo SUS. Também poderá ser encontrado em farmácias e supermercados.”

“População mundial agora tem cura definitiva! Saiba mais.”

“Um milagre da medicina! Adam Brauer, o Salvador do mundo! Saiba tudo sobre a trajetória de vida do homem que salvou a humanidade. Saiba mais.”

“O fim da doença agressiva? O soro é confiável? Podemos confiar em nanorobôs? Saiba mais.”

O aplicativo de atualidades não parava em outro assunto.

Alguns meses depois. Haroldo levantava da cama feliz. Pisou na balança. Oitenta quilos. Estava mais gordo, mas não era essa a informação que lhe interessava. Após uma escaneada rápida Zeta confirmou o que já sabia.

— Agente agressivo não encontrado.

Estava limpo novamente. Sua esposa também.

— Papai — chamou a filha, que parecia assustada. — O Zeta falou que eu não estou bem...

Haroldo sorriu, foi até o armário do quarto, abriu uma das portas. Um estoque de soro bem armazenado com validade para dois anos. Pegou um e aplicou na menina. “Pronto, agora vá tomar café. E rápido para não se atrasar pra escola.”, “Tá bom, pai. Posso levar umas torradas Croquete sabor mortadela com queijo pra merenda?”, “Claro. Leve quantas quiser!”, sorriu o pai satisfeito.

No trabalho. “Seu Haroldo, comprei logo foi uma caixa de soro com cinquenta unidades. Está acabando rápido. No SUS nem tem mais.”, “Também abasteci lá em casa. Minha filha amanheceu ruim e já resolvemos. Trouxe até duas seringas de soro por segurança. Se eu me sentir mal, faço um exame digital ali na farmácia, e, se tiver com a doença, me aplico logo.”

“Olha ali, Seu Haroldo. Aquela família de novo. Coitados...”. A mãe mal vestida com suas crianças novamente tentando mendigar alguma coisa. Alguma sobra. Nada que fosse fazer diferença para as pessoas da praça de alimentação. Pareciam doentes. Até uns meses atrás aquela mãe não deveria passar dos vinte anos, agora não lhe dariam menos que quarenta. As crianças pareciam mais magras, frágeis. Estavam doentes sim. Muito doentes. Os dois soros no bolso de Haroldo pesavam.

— Acho que estão doentes. Pena que o soro do SUS já acabou — falou Saulo. — Agora só tem pra vender e tá cada dia mais caro. Não tem pra todo mundo. Vou comprar mais quando receber. Lá em casa não pode faltar. Nem sei quando vão repor...

Dois soros. Duas curas. Cada uma tinha o valor de uma barra de ouro. Num futuro próximo seriam mais difíceis de encontrar. Haroldo chamou a família. A mãe lhe olhou surpreendida, quase não acreditava que o gerente de um restaurante tão caro um dia poderia lhe dar atenção.

— Venham logo.

Ela se aproximou com suas crianças.

— Saulo, manda três pratos com carne especial e três Pop Ices de tangerina pra essas pessoas.

Saulo olhou para o patrão com respeito.

— Seu Haroldo, o senhor tem mesmo um bom coração.

As duas esperanças de cura no bolso voltaram a custar menos que dez créditos.

# PARASITOSE

## MakroMégaVille de Paris, 2560 d.C

Anne Marie acorda um tanto febril e tomada por uma ânsia de vômito.

Mora no subnível da MakroMégaVille de Paris, a enorme cidade suspensa que domina a capital. A jovem loira de cabelos curtos ao estilo Chanel antigo tem apenas quinze anos, mas leva uma vida de miséria e provações desde pequena.

Não conheceu seus pais e muito provavelmente era apenas um clone de alguma madame, cidadã de primeira classe moradora do oitavo nível a quase oito quilômetros de altitude, que de certo queria ter um corpo juvenil onde pudesse gravar sua consciência, dando continuidade assim à sua vida de opulência, porém, muito provavelmente deve ter caído na pobreza como tantos outros europeus após a terceira Guerra Mundial de 2500 d.C. Os Clones, que tão orgulhosamente eram cultivados in vitro, passaram a ser sistematicamente destruídos quando seus donos não puderam mais pagar as exorbitantes taxas anuais, a maior parte foi simplesmente descartada nos subterrâneos da MakroMégaVille, porém alguns como Anne Marie, já nos estágios finais de maturação, acabaram acordando como criaturas sem mente definida. Pareciam humanos com alguma deficiência mental, mas gradualmente sua cognição despertava em suas sinapses e eles entediam subitamente que estavam vivos.

A moça foi pega por contrabandistas, vagando como uma morta viva pelas catacumbas centenárias e, diferente de muitos outros, não teve seus órgãos vendidos, nem foi utilizada para alimentação, sendo triturados e misturados à ração vendida a milhões de parisienses em todas as zonas do subnível, passando pelo solo e chegando até o primeiro nível de Paris suspensa.

Apenas os miseráveis comiam aquela massa proteica, sendo que muitos até sabiam exatamente o que estavam comendo, mas não tinham outra opção.

A jovem foi arregimentada na rede de prostituição francesa, onde teve o corpo usado e abusado por muitos meses, sem consciência do que estava fazendo. Certa tarde, em um amplo cubo habitacional do quinto nível, olhando para o relevo dos Alpes que se desenhavam ao longe, teve um start cognitivo, despertando completamente sua consciência e, ao perceber o que faziam com ela diuturnamente, matou o homem que pagou caro para abusar de seu corpo naquela tarde.

Fugiu para o elevador gravitacional inserido no pilar central da enorme Paris e desceu vertiginosamente até o térreo, abrigando-se com a massa de miseráveis que andava a esmo pelo subsolo dos antigos metrô e catacumbas parisienses.

Naquela manhã fria, a francesinha passou a mão nos lábios rosados sentindo-os descamar, tentou se levantar, porém a vertigem a fez cair sentada nos dejetos. Finalmente levantou aparando-se à parede de tijolos ancestrais e uma velha gracejou com ela:

— Viu? Foi comer escondida de nós, agora está doente e vai morrer!

Os olhos muito castanhos de Anne se arregalaram, ela não compreendia muito bem ainda o mundo em que vivia e tudo que lhe falavam, tomava por verdade absoluta.

— Le pardon... — implorou com lágrimas nos olhos.

Na noite anterior, vasculhando os escombros da Cidade Alta, havia encontrado uma lata amassada, e com auxílio de uma pedra conseguiu arrancar a tampa selada a vácuo.

Dentro havia uma massa disforme com um cheiro rançoso, Anne Marie mergulhou o dedo e o colocou na boca com um pouco de nojo. O sabor era estranho e não lembrava nenhum tipo de massa protéica que ela já tivesse consumido antes, porém a fome falou mais alto e a moça devorou o conteúdo da lata.

De barriga cheia, andou até onde se juntavam em volta de fogueiras fétidas em que os pobres queimavam restos de lixo para se aquecer e acabou dormindo. Agora seu olho estava estranho e a moça sentia que ele podia cair de seu rosto a qualquer momento.

A ânsia de vômito não passava e ainda sim Anne-Marie não conseguia vomitar.

Passos pesados se aproximaram rapidamente por trás da moça doente e uma mão enorme se fechou segurando seu braço, era um ciborgue

particular de caça. As pessoas se levantaram vendo aquilo, sabiam que significava problemas. Anne Marie se assustou enormemente quando Achille, o principal capanga do maior gigolô da Macromegacidade francesa a capturou.

— Monsier Pierre D’Lion está muito irritado com mademoiselle. Disse que o que gastou contigo ainda não foi pago e que você tem de trabalhar pelo menos mais cinco anos para ele, antes de poder sequer pensar em liberdade! — avisou o homem repleto de peças mecânicas com a voz sintetizada.

Passou a puxar a jovem por entre os antigos trilhos do metrô parisiense enquanto ela tentava se soltar de maneira inútil.

— Eu não vou voltar pra lá!

Tomada pelo desespero, Anne Marie pegou uma barra de ferro caída no chão e com ela atingiu as costas do cyborg, que mal pareceu sentir o golpe, ainda sim Achille parou.

Jogou a pequena francesa de corpo bem feito no chão e à vista de todos começou a tirar sua roupa produzida à base de película de hidrogênio, extremamente leve.

— Acho que o chefe não vai se incomodar se eu usar parte do meu pagamento agora mesmo.

O sorriso do cyborg é desagradável e a jovem, passando muito mal, tentou se afastar quase se arrastando sobre os trilhos enferrujados. Ela sentia como se seu olho fosse cair e uma voz martelava incessantemente na sua cabeça:

— FOME!

A população em volta apenas olhava assustada, pois sabem o que aconteceria com eles se tentassem interferir. As mulheres acompanhavam o desenrolar da situação com mãos crispadas sobre a boca, sabendo o tipo de violência que a jovem iria sofrer, enquanto homens lascivos arregalaram os olhos, sorrindo uns para os outros e querendo estar no lugar de Achille.

O cyborg retirou a jovem do chão sujo onde ela estava e, com apenas uma mão, rasgou o fino tecido que cobria o corpo frágil da clone.

A levantou o mais alto que pôde e a lambeu do púbis até o rosto, enchendo-a de nojo. Finalmente isso fez com que Anne Marie conseguisse vomitar, o Jorro atingiu a cara de Achille em cheio, que chegou a engolir um

pouco do líquido ácido, e as mulheres que formavam parte do público daquele espetáculo horrível a ovacionaram, sentindo-se vingadas.

— Sua... Sua... PORCA!

O ciborgue gritou possesso e a jogou longe, fazendo a moça cair de cabeça nos trilhos de ferro antigos. O olho de Anne Marie saiu do rosto para o horror de todos os espectadores daquela terrível cena. Anne Marie começou a gritar e Achille deu de ombros.

— Não importa, os nanorrobôs podem te curar em instantes! Você vai vir comigo, agora! — comentou o ciborgue, limpando-se do jato de vômito que recebeu no rosto.

O olho castanho, descolado do rosto, se levantou como a antena de um inseto observando todos em volta, e uma voz que não pertencia à garota gritou através de sua garganta:

— Fome! Fome! Estou com muita fome!

Achille se aproximou de Anne Marie, levantando-a pelo braço.

— Comerá quando chegar ao primeiro nível, sua porca.

Com uma força surpreendente que não apresentara antes, a moça puxou o ciborgue para baixo abocanhando as peças mecânicas que envolviam o seu cérebro orgânico.

— Não! Fome! Comer agora!

Com uma dentada, ela arrancou um pedaço do plasto-carbono, um composto ferroso, feito de nióbio e enriquecido com nanotubos de carbono prensados a altas temperaturas.

— Isso não bom! Quero carne! Sinto cheiro da carne! — a voz da jovem estava irreconhecível.

Achille, assustado com a dor súbita, tentou se desvencilhar da moça, porém a força dela havia crescido demais. De dentro do nariz e da boca da jovem, emergiu uma massa rosada como carne fresca na forma de um tentáculo carnoso, essa massa se entranhou na carne do próprio ciborgue, criando um amálgama e começando a absorvê-lo rapidamente.

— Não! Me larga! Me largaaaaa!

Com um comando neural, o homem mecânico armou seu punho, abrindo um orifício por onde um disparo de plasma abriu um furo no peito de Anne

Marie. Ela arregalou o único olho em seu rosto e o tentáculo se soltou do ciborgue. Ela caiu de joelhos no chão com um olho vidrado e o outro dependurado caído no ombro.

Está Morta. Os sensores de Achille não captam nenhum batimento cardíaco vindo da clone. O sangue escorria da cabeça e do pescoço do cyborg e ele só não estava morto porque os nanobots inseridos em seu sistema faziam hora extra conectando seus sistemas vitais e não deixando-o colapsar.

— Maldita puta! O que foi isso? — perguntou-se passando a mão biônica sobre a cabeça sintética aberta a dentadas.

Nesse instante, Anne Marie estremeceu e pulou sobre o ciborgue, o furo por onde o plasma havia atravessado começava a se encher de filamentos de carne, onde todos podiam ver que dentro dela algo se movia tal qual vermes.

— Fomeeeeeeeee!

Dessa vez, o caçador biônico foi pego de surpresa e seu rosto inteiro desapareceu de uma única vez, sendo literalmente engolido por uma massa de carne que saiu pela boca, nariz e pelo olho da garota.

Dos pés à cabeça, tudo o que não era artificial no ciborgue foi rapidamente devorado. Anne Marie se colocou de pé e virou o rosto lentamente na direção do público aterrorizado.

Um velho levantou a mão, congratulando-a:

— Isso mesmo! Acabe com esses Neo-Fascistas! Vive la France!

O olho na ponta do tentáculo observava as dezenas de pessoas e ela disse uma única palavra, antes de avançar sobre eles também: — Fome!

Os parisienses começaram a gritar, fugindo da voracidade insaciável daquela garota nua, que os devorava, e a massa de seus corpos desfeitos começava a fazer parte de próprio corpo da jovem saindo como um tipo de gosma formada por centenas de membros, olhos, bocas e narizes humanos.

Nível após nível a criatura ataca a população comendo-os e agregando-os a seu corpo, aumentando sua massa exponencialmente, com milhares de bocas que lamentam em escala monstruosa antes de serem completamente absorvidos e perderem a consciência, arrastando Anne Marie pelos olhos e pela boca como um tipo de apêndice bizarro.

A cada nível invadido, aquela massa grotesca de carne se derrama sobre a população, absorvendo a matéria orgânica de homens, mulheres e

crianças, tornando parte do seu próprio corpo. Ignora solenemente os animais, porque a genética deles não é compatível com a do corpo humano que tomou.

As forças de segurança tentam combatê-la, atirando intensas rajadas de plasma, que perfuram a massa de carne em movimento constante, mas não a matam, e logo se tornam presa dela.

A cada nível que a criatura esgotava, escalava um quilômetro serpenteando pelo Pilar Central da MakroMégaVille até chegar no piso superior. Uma a uma, Anne Marie devora toda a população do lugar, até chegar ao oitavo nível, onde vive a elite da França.

Tentam usar contra a criatura um canhão de antimatéria, proibido pela convenção da ONU do ano de 2250, mas mesmo esse canhão, que só podia dar um tiro a cada meia hora, não conseguiu acabar com a ameaça da criatura, esta arrastava Anne Marie protegida sobre uma massa de carne para que a moça não se ferisse, enreda os parisienses nos seus tentáculos, começando a absorvê-los mais lentamente agora, saboreando seus corpos e depois disso foi atrás dos últimos milionários franceses que farejou escondidos em seus bunkers, utilizando a força dos milhares de músculos consumidos quebrou as portas de aço carbono como se fossem feitas de papel.

Um fio de baba escorria da boca de Anne Marie e esta gargalhava quando percebia, com os milhares de olhos absorvidos pela massa, que muitos dos que ela consumia foram homens e mulheres que abusaram dela em um passado recente, quando ainda não conseguia reagir.

Toda a MakroMégaVille de Paris foi consumida em questão de algumas horas e o único ser vivo na torre imensa era aquele gigantesco amálgama de humanos devorados. Por um instante que pareceu quase eterno, o silêncio se fez.

Logo algo caiu do alto da MakroMégaVille despencando os oito quilômetros de altitude em alguns minutos. Era o parasita que pousou com força no solo infectado da França e seus tentáculos começaram a varrer as ruas prendendo e absorvendo todos que conseguiu pegar.

Anne Marie chorava agora, matar a população inocente não era o que ela queria, mas o poder do ser era descomunal e suplantou sua própria força de vontade. Agora tudo o que a clone podia fazer era observar enquanto o parasita que se apossou de seu corpo, saciava sua fome com os habitantes

das cidades em torno de Paris e cada vez mais ele esticou seus tentáculos comendo toda a população do país.

Alguns dias depois, não havia mais um único francês vivo em um raio de mais de seiscentos mil quilômetros quadrados. Finalmente os tentáculos se retraíram e aquela massa enorme começou a hibernar. Anne Marie foi envolvida em uma grande camada de carne e pele que a mantiveram aquecida e ela começou a cantar baixinho uma canção que escutara uma criança cantar certa vez, no elevador gravitacional quando foi atender clientes no segundo nível quando ainda não conseguia reagir aos abusos:

"Au clair de la lune Mon  
ami Pierrot  
Prête-moi ta plume  
Pour écrire un mot  
Ma chandelle est morte  
Je n'ai plus de feu  
Ouvre-moi ta porte  
Pour l'amour de dieu...

... Au clair de la lune On  
n'y voit qu'un peu  
On chercha la plume  
On chercha le feu  
En cherchant d'la sorte  
Je n'sais c'qu'on trouva  
Mais j'sais que la porte Sur eux  
se ferma”

Após isso, a doce Anne Marie adormeceu.

### **Fronteira da França com a Alemanha, região da Alsácia. 2561 d.C**

Os dois guardas da fronteira bebiam Jägermeister e esfregavam as mãos com o frio. A neve caía devagar quando perceberam uma pessoa que se aproximava ao longe do posto da guarda. Sacaram de imediato seus rifles de plasma e apontaram para o vulto indistinto.

— Wer geht dahin? — gritou um deles, querendo saber quem estava chegando.

— Je suis Anne Marie, uni personne perdue... — respondeu a voz suave, se dizendo perdida.

Ela vinha caminhando nua em um frio de dez graus negativos, sem parecer sofrer nada com isso e os dois soldados guardaram os rifles de plasma, observando satisfeitos o corpo da jovem garota.

— Olha só isso! É uma vagabunda francesa! — disse um deles.

— Bem, se quer entrar em nosso país, vai ter que nos dar alguma coisa! — avisou o outro, já pegando nos seios alvos da clone.

— Eu não vim para dar nada. Eu tenho fome.

O soldado foi deslizando suas mãos entre as pernas dela.

— Depois te damos um pouco de porco, agora, vai nos divertir.

A jovem segura sua mão enluvada.

— Eu vou comer todos vocês!

Seu olho direito começou a se projetar para fora em um estranho tentáculo e os soldados gritaram, sacando seus rifles de plasma.

\*Ao luar

Meu amigo Pierrot

Me empreste sua pena

Para escrever uma palavra

Minha vela apagou

Eu não tenho fogo

Abra sua porta

Pelo amor de Deus Ao

luar,

Nós só podemos ver pouco

Eles procuraram a pena

Eles procuraram o fogo

Na tentativa de a encontrar

Eu não sei se a encontraram

Mas sei que a porta

Deles se fechou

# SAL

**H**oras, dias, meses e anos seguem sem pressa, retrocedem ao tempo e se abastecem dele. O futuro do mundo aguarda o ciclo das características, mudanças e adaptações do presente e do passado.

Sem civilização à vista, próximo a ruínas de pedras, em um abrigo subterrâneo, abaixo do solo árido, buscando reconforto em lembranças que acumulavam na alma encontrava-se Sal, cercada por cobre, latão, engrenagens de relógios e objetos de metais enferrujados que decoravam o local. O odor forte de gasolina e de óleo diesel expandia-se no ambiente.

A imagem refletida no espelho revelava uma mulher jovem, alta, magra, com cabelos longos, finos e compridos presos por óculos de latão com armação grande e redonda no alto da cabeça. Algumas mechas de cabelo soltas encobriam parte da face. Os olhos vermelhos e cansados eram ladeados por uma fisionomia melancólica e reflexiva. As botas de couro, ajustadas à pele, ficavam acima dos joelhos, o cinto largo repleto de acessórios atenuava a cintura fina. A roupa de vinil, justa e preta, adornada por metal, refletia intensamente com a luz do luar. Nas mãos, as luvas deixavam as pontas dos dedos à mostra.

Prometida de silêncio, ela esperava. Não carregava culpas nem remorsos. Guardava sentimentos não revelados em seu coração. Por um longo tempo, perdida em seus pensamentos, enquanto girava um enorme globo terrestre vazado, cujo metal brilhava tanto quanto sua roupa, ficou perdida em seus pensamentos.

Tudo era mutação no ar enevoadado, menos a presença de Sal, cujos lábios secos sussurravam diante da sombra da lua projetada por entre uma fresta, sua única testemunha. Além da companhia da lua ela não tinha mais ninguém para confessar seus segredos.

Anos e madrugadas temperadas pelo travo da solidão e do ressentimento. Sentia-se abandonada e traída pela promessa de encontrar a Grande Cidade.

Com os lábios cerrados, ela sussurrou a voz que não ouvia há tantos silêncios:

— Eterna noite é a minha! Ela surge e vai embora num ciclo infinito. Por que nunca mais voltou? Um dia vou te reencontrar?

Queria respostas, mas não as tinha. Carregava sonhos e o tempo. Na solidão, esperava alguém. Abandono e desencontros. Não sabia quando também iria embora daquele chão árido em busca da Grande Cidade. Aprendeu a ser forte com o destino da humanidade. Num mundo em que engrenagens e combustíveis valiam mais do que pessoas, Sal era um mistério e um enigma a ser desvendado.

Há tempos não ouvia nenhum motor rugindo. Sentia-se protegida. Adormeceu.

O sol do meio-dia queimava e ardia o solo e a paisagem ao redor. A sede a encorajava a seguir adiante, num trajeto difícil, doloroso e perigoso, estava só, sem se sentir sozinha.

Ela montou em seu cavalo motorizado e seguiu em frente, um olho na angústia, outro no firmamento, sem a presença e a companhia de uma nuvem sequer. Queria ter asas, pairar no céu e conhecer outros lugares, buscar respostas, atravessar a imensidão daquela fronteira.

Após seu particular com a solidão, voltava com o recipiente repleto de água, apagando rastros marcados pelo caminho. Exausta do longo trajeto, sentada em um trono adornado de materiais reciclados, tentava abrandar a realidade. Em meio a uma frota de carros, motos e aeronaves abandonadas, contemplava as cruces de metais fincadas no chão, rodeadas por montes de pedras.

Ela levantou-se do trono e seguiu na direção das cruces, prostando-se de joelhos diante de uma cruz menor e chorando todas as suas dores. Entregouse por horas a esse gesto. O sol ardia e iluminava tudo com intensidade e amplidão refletindo o metal.

Um arrepio atravessou-lhe a espinha. Ficou perturbada quando escutou o som de motores próximos. Ao respirar sentiu pontadas no peito e a cada respiração o ar ficava mais pesado. Não tinha forças para se levantar e fugir.

Não conseguia sair do lugar. Seu rosto transformou-se, em um misto de compaixão e desespero.

Com o barulho dos motores ecoando mais próximos, rastejando, ela conseguiu chegar ao abrigo, trancou a porta de acesso e desabou no chão, inconsciente.

Ele, guiando uma máquina de guerra gigante, com uma peça giratória na frente do motor, rompeu a porta de acesso do abrigo.

Na linha da fronteira, com os olhos entreabertos, ela viu os pais sorrindo, sua mãe que segurava um bebê no colo, e seu pai estendeu-lhe as mãos e a convidou para se unir a eles.

Ele desceu do veículo motorizado e, desesperado, tentava reanimá-la:

— Sal! Não me deixe, meu amor. O que as máquinas fizeram com nossos destinos?

# Dias Melhores

## Miguel ajustando seu monóculo biônico

para ver entre as rastejou pela terra úmida embaixo do pé de café, sombras. Se ele não encontrasse frutos maduros hoje, nem precisaria voltar amanhã, porque então seria tarde demais para secá-los. O aniversário de sua mãe já estava chegando. Tudo que ele queria era dar a ela uma xícara da bebida que, segundo os mais velhos, cheirava aos tempos de antes da guerra. Tempos com os quais Miguel podia apenas sonhar.

Estava fresco e úmido sob a redoma de folhas. O garoto se levantou, evitando as poças d'água, e limpou a camisa surrada. Ele estivera sob o pé de café várias vezes nas últimas semanas, mas ainda era difícil acreditar que a planta havia crescido sobre um carrinho-de-mão abandonado; o tronco despontando da caçamba, as raízes rompendo as tábuas e descendo até o chão. Devia ter sido isso que salvara o pé dos banhos de sal, enquanto todos os cafezais da região tinham sido destruídos.

Quando Miguel levantou a cabeça à procura de frutos maduros, o brilho do céu em meio aos galhos o cegou. Ele levou a mão à lateral do rosto e desligou o monóculo biônico. A luz deu lugar a pós-imagens azuis, que dançaram à frente dele enquanto sua cabeça doía. Alguns segundos se passaram até que a visão natural do garoto se acostumasse à sombra, revelando galhos cheios de bolinhas verdes e mirradas. Estas não serviam para nada.

Foi então que Miguel viu um ponto vermelho. O garoto correu e ergueu a mão para agarrá-lo, já imaginando o sorriso de sua mãe quando provasse o café coado. Mas o ponto vermelho abriu asas e disparou zunindo para a sua cabeça, ficando preso em seu cabelo. Um maldito besouro. Miguel se sacudiu, tentando se livrar do inseto, mas perdeu o equilíbrio. O mundo girou à sua volta, e ele caiu em uma poça d'água.

Miguel assistiu o besouro vermelho voar para longe. Ainda caído na lama, o garoto soltou um suspiro e fechou os olhos. Talvez fosse melhor desistir daquilo e voltar à lavoura; afinal, o milho não se colheria sozinho. De qualquer forma, que garantia Miguel tinha de que aquele café viria a amadurecer? Depois de tantos anos sob as chuvas de gelo e os ventos tóxicos, era bem possível que...

Um cheiro forte interrompeu seus pensamentos. Ainda caído na lama, Miguel abriu bem os olhos e inclinou a cabeça para cima. Franziu o cenho e ligou seu monóculo, ajustando o brilho e expandindo a imagem, procurando aquilo que chamara sua atenção. Lá estava. Dessa vez não havia dúvida: o aglomerado de bolinhas vermelhas sobre sua cabeça só podia ser um galho repleto de frutos maduros.

Miguel inspirou mais uma vez, abrindo um sorriso. Aquele aroma era, de fato, uma promessa de dias melhores.

# *A SILENCIOSA RUÍNA SELVAGEM*

Sob o véu de uma escura noite sem lua, os caçadores seguiam sem notarem que eram caçados. Suas matilhas de drones leves, robôs que imitavam cachorros selvagens, se espalhavam ao redor deles que se aproximavam de um pouso de elefantes.

Atrás deles estavam Bintu e seu próprio drone, um grande leopardo, feito para a furtividade, assim como sua armadura de combate. Em ambos os casos um sistema de camuflagem óptica tornava a dupla invisível a olho nu. Porém, seguiam devagar, os dedos de Bintu apertados contra seu rifle de assalto silenciado.

Bintu havia descoberto aquele grupo mais cedo naquela noite. Ela patrulhava, explorando os pontos mais distantes da savana africana quando captou sinais de rádio que diferiam dos usados pela Fundação Internacional Anti-caça para monitorar os animais. Bintu contactou a central de operações de sua unidade Akashinga, patrulheiras responsáveis por combater caçadores.

— Operadora, aqui é Ingwe 23.

— Na escuta, Ingwe.

— Captei um sinal estranho na minha região. Enviando.

Enquanto os dados eram transferidos, Bintu desviava-se para a direção em que o sinal era mais forte. A soldado despachou seu drone leopardo à frente, abrindo no visor frontal de seu capacete a visão das câmeras nos olhos da fera metálica.

— Iniciando análise — disse a operadora quase em um sussurro. Bintu mandou um sinal de OK e continuou na sua busca.

O leopardo avançava há quase um quilômetro à frente de sua parceira humana. Seus sensores captavam as ondas de rádio, mas ainda não havia nenhuma confirmação visual de sua fonte.

Então o primeiro cachorro-selvagem apareceu.

Bintu achou que era orgânico até o instante em que um rápido reflexo de vermelho cruzou os olhos da criatura. Ela prendeu a respiração, por um instante, e

outros pares de olhos vermelhos surgiram em meio ao mato alto. O leopardo parou imediatamente, agachando-se para manter sua presença escondida.

*Caçadores*, ecoou na mente de Bintu.

Em uma contagem rápida, descobriu pelo menos vinte drones naquela região. Duas matilhas inteiras daqueles robôs baratos que eram usados para perseguir e ferir animais.

O aperto em seu rifle tornou-se maior. Desde que entrou para as fileiras das Akashinga, Bintu nunca tinha visto um grupo tão grande.

— Ingwe, seus sinais derivam de drones clandestinos — disse a operadora.

— Caçadores se encaminhando para uma zona de pouso — confirmou Bintu.

— Já tenho visão. Reforços?

— A unidade de assalto mais próxima chegará em 30 minutos, Ingwe.

*Trinta minutos?* Ela não teria nem mesmo cinco com aquela quantidade de drones inimigos.

— Não engaje em combate, Ingwe.

Uma raiva ácida que brotava do estômago incomodou Bintu. Sempre pensava nos caçadores como versões de seu pai, um soldador aeroespacial mais bêbado do que empregado. Ele costumava bater nela durante os longos turnos em órbita da esposa, Dalji. Era o emprego dela na fábrica que sustentava a família abaixo do elevador orbital de Lagos.

Quando teve oportunidade de fugir, Bintu juntou suas roupas e caiu no mundo. Após algum tempo viu-se recrutada pelas Akashinga. Depois do inferno vivido em casa, as cruzeiras e exigências do treinamento para tornar-se patrulheira foram brincadeira.

Então quando recebeu sua armadura, decidiu que poria fim aos valentões que achavam que podiam fazer o que quisessem.

— Repito, Ingwe: não en...

Se a operadora disse mais alguma coisa, Bintu nunca escutou. Ela seguiu adiante e entrou na zona de embaralhamento dos cachorros-selvagens. Aquela era outra razão pela qual os caçadores usavam-nos: suas caudas tinham sistemas que, em conjunto, eram capazes de bloquear comunicações de longa distância. O elo entre Bintu e seu leopardo não seria afetado, mas ela estaria sozinha até a chegada da equipe de assalto.

Contudo, Bintu não poderia esperar por suas companheiras. Ela ainda não encontrara nenhum dos caçadores, mas, pela quantidade de drones, seria um grupo grande. Pessoas mais do que suficientes para causarem mal aos animais.

Por isso a patrulheira começou a segui-los e, em um ataque conjunto com seu leopardo, abater os cachorros-selvagens mais desgarrados da matilha. Com os

disparos silenciados, o ruído era um estalo metálico quando o projétil perfurava suas cabeças. Se seu drone fazia mais barulho ao abater suas vítimas, Bintu não teve resposta dos caçadores. O importante era que ela conseguisse diminuir tanto a distância quanto a quantidade de robôs inimigos a cada investida.

— Merda! — disse Bintu, baixinho ao encontrar os caçadores.

Eram pouco mais de dez homens com outras duas ou três matilhas ao seu redor. Aquilo por si só era horrível, entretanto, foi uma figura central entre eles que motivou seu praguejar: um selenita.

Os trajes selenitas civis para turismo eram feitos para resistir à gravidade da Terra que machucava seus ossos frágeis. Armaduras fortes e robustas, mas nada comparadas ao modelo militar com blindagem maior usada por aquele caçador. Quase cinco centímetros de problemas.

Por sorte, os outros membros do grupo eram locais, usando proteções comuns. Contra inimigos tão numerosos quanto eles e preparados como o selenita, o único recurso de Bintu era a guerrilha. Aproveitando-se de suas capacidades furtivas, ela planejou ataques coordenados com seu leopardo: ela focando-se nos caçadores humanos enquanto ele abatia os drones.

Quando o primeiro dos caçadores caiu, em meio a gritos e pragas, o inferno despertou no meio da noite. Os homens locais, menos preparados para situações de estresse, começaram a disparar para todos os lados enquanto o selenita os mandava parar. A confusão ajudava porque despertava os animais e os colocava em fuga, evitando que seus inimigos os encontrassem.

A bagunça que seguiu-se ao primeiro morto favoreceu Bintu que nunca ficava parada mais do que alguns instantes. Apenas o suficiente para mirar e puxar o gatilho. A mesma coisa acontecia com seu leopardo bailando entre os drones inimigos em uma dança de aço e destruição. Estes responderam de imediato ao ataque espalhando-se e tentando encontrar a origem dos tiros. Pela quantidade deles, Bintu sabia que qualquer deslize revelaria sua posição. A própria quantidade daqueles drones jogava contra ela, sendo capazes de triangular sua posição caso ela não mantivesse-se sempre em movimento.

De um lado e do outro as balas cortavam o céu noturno como lanças de fogo. Aqueles riscos flamejantes passavam ao lado de Bintu, cantando sua morte, mas errando-a por pouco.

Até o momento em que não erraram.

O projétil a acertou no ombro.

— Droga!

O impacto foi brutal assim como a dor, mas não houve danos além do sistema de camuflagem. Mas aquilo custou sua única vantagem.

Um instante depois, uma matilha inteira lançava-se sobre Bintu. A patrulheira trocou um pente de munição por meia dúzia de cachorros e dois caçadores. Seu leopardo conseguiu eliminar outros enquanto fornecia a Bintu, em fuga, imagens de seus perseguidores.

Ela tinha a vantagem de saber para onde fugir, mas ainda não era o suficiente.

Mais escaramuças seguiram-se, o treinamento superior de Bintu provando seu valor conforme ela eliminava um inimigo após outro. Devagar, a luta ia se resumindo a ela contra o selenita e alguns poucos drones. Assim como poucos pentes de munição restantes em sua reserva.

Bintu não tinha a função de entrar em combate direto, mas de marcar alvos e auxiliar nas lutas. Por isso a armadura mais leve e pouca munição.

A patrulheira conferia o relógio em seu capacete, mas não conseguia lembrar quando havia enviado a mensagem. Apenas esperava que os reforços chegassem logo.

Visando ganhar tempo, Bintu lançou seu drone contra o selenita. O felino metálico acertou-o em cheio, derrubando-o. Mas logo o selenita acertou um golpe no leopardo, danificando uma câmera. Em seguida, os ecos de sua destruição chegaram até Bintu antes que o sinal caísse.

Uma onda de interferência a atingiu, fazendo-a perder o equilíbrio. Naqueles poucos segundos, alguns cachorros a alcançaram. Suas mandíbulas prenderam-se aos braços e pernas, imobilizando-a.

O selenita se aproximava, uma escopeta enorme em suas manoplas.

— Vou te ensinar a ficar no seu lugar — disse ele através dos alto-falantes.

Antes que ele disparasse, algo explodiu em seu peito, desequilibrando-o.

O chão tremeu e um drone rinoceronte atingiu o selenita em cheio. Três patrulheiras saltaram e correram na direção do inimigo caído enquanto uma quarta eliminou os drones que prendiam Bintu.

— Pelo menos aqui sou capaz de te ajudar mais, menina — disse a patrulheira estendendo sua manopla para Bintu.

— Bem, você sempre fez seu melhor, Umbkhombo 15 — disse Bintu, rindo.

Após um ano como recruta, Bintu voltou para casa. Quando fugiu havia deixado alguém importante para trás. Havia prometido que voltaria para reparar o erro.

— Você pode me chamar de mãe também — disse Dalji, ecoando o riso.

Bintu fez um gesto de “deixa disso” e apontou na direção do selenita.

— Vamos cuidar do prisioneiro.

Bintu e Dalji reuniram-se com as outras três Akashinga que imobilizaram o selenita.

— Faça as honras, Ingwe 23 — disse Dalji, apontando para o selenita.

— Em razão do armistício Terra-Luna, você está preso e será julgado pelas leis terrenas.

Com a armadura desativada, não ouviram resposta dele.

Nem era preciso. Caçar era crime inafiançável. Ele amargaria alguns anos de prisão por isso.

Tendo resolvido isto, as Akashinga permaneceram à espera do transporte enquanto a escuridão devagar dava lugar ao sol de um novo dia.

# *LOJINHA DE CONVENIÊNCIA DA MORTE*

Passei hoje pela Lojinha de Conveniência da Morte do meu bairro, para comprar a minha. Ando sentindo dores inconvenientes e já ultrapasso os 80 anos. Segui as recomendações de alguns amigos e parentes e optei pelo campeão de vendas *Sonho Letal*. Consiste em duas cápsulas transparentes de um conteúdo colorido. Devem ser ingeridas pouco antes de deitar-se para sua derradeira noite de sono. Seus ativos agem de forma indolor e imperceptível ao nível consciente. Durante o sono REM, seu cérebro é induzido a criar uma narrativa de sua própria morte. Como num sonho normal, tendo como única diferença a inexistência do despertar. Indolor, simples e descomplicado. A indução é feita por você próprio, com palavras ou imagens que habitam seu mundo interno.

Dizem que vende muito porque oferece uma autonomia que outros produtos não ofertam, além da total higiene, já que preserva integralmente o ambiente em que o cliente decide passar sua última noite.

O caixa de apenas uma das unidades dessas lojinhas, ontem, registrou um recorde de vendas e possibilitou que nada menos de 102.535 pessoas garantissem o fim de suas vidas da maneira que mais lhes convinha.

Os métodos simplificadores da morte, dizem os especialistas, vem sendo comparados à pílula anticoncepcional por seu potencial de inovação. Pesquisas atestam a redução significativa na angústia humana, principalmente para aqueles que leem os encartes que acompanham os produtos até o fim. São bastante didáticos, especialmente quanto aos esclarecimentos de que não há - a despeito da propaganda contrária - quaisquer acertos de contas, novas terras a habitar, avaliações de entidades ou julgamentos, posteriores ao procedimento. O que tranquiliza muito os usuários.

É recomendável, no entanto, notificar algumas pessoas de sua decisão. As mais queridas. Assim, alguém se encarrega de acompanhar a equipe responsável pelas providências do dia seguinte – que também são claramente explicadas nas embalagens. Caso os amigos queiram celebrar o momento, diversos serviços extras são oferecidos nos encartes, que vão desde uma simples reserva de restaurantes até a organização total do evento.

# *HORROR FILOSÓFICO*

Ninguém vai acreditar no meu relato, mas tudo bem. Estou escrevendo porque a psicóloga do hospital disse que seria terapêutico, ciente de que não encontrarei palavras para contar o que aconteceu.

Contrariando meus pais, escolhi estudar filosofia. Queria encontrar o sentido da existência. Entretanto, a faculdade era fraca. Felizmente, gostei da biblioteca. Lá o vi pela primeira vez: um rapaz alto e sorridente.

Sob seu olhar, li os pensadores que falaram do sentido da vida. Muito instigante, mas nada conclusivo. Busquei religiões. As respostas eram muitas, deixando-me mais confuso. Fiquei maravilhado com as descobertas da ciência, mas senti que faltava algo.

Certo dia na biblioteca, o rapaz que sempre me observava surgiu ao meu lado.

— Precisa de ajuda?

— Você trabalha aqui?

— Não, mas conheço bem este lugar. Gosto do silêncio daqui para pensar.

— Eu também.

— Meu nome é Nicolas, quarto ano de filosofia.

Apertei sua mão. Era fria e úmida.

— Sou o Rodolfo. Filosofia também. Primeiro ano.

— Você é meu bicho? Vou pensar em um trote.

A gente riu.

Conversamos muito desde então. Certa vez, falei sobre a minha busca do sentido da vida.

— E se a vida não ter sentido? — perguntou ele. O ser humano é insignificante diante do universo.

— Você é existencialista? Nem precisa explicar. Já li tudo sobre isso.

— Nada disso. Vou te emprestar um livro diferente e entenderá o que disse.

No dia seguinte, ele me entregou um livro de capa de couro. Na folha de rosto estava escrito: *Necronomicon*, de Abdul Alhazared. A obra tinha o carimbo de uma universidade norte-americana chamada Miskatonic. O texto estava em inglês.

— Infelizmente, ninguém teve a ousadia de traduzi-lo para o português — explicou Nicolas.

Por causa do nome do autor, achei que era mais um livro sobre mistérios do Egito. Ao chegar em minha quitinete, comecei a ler. Foi a maior desgraça que fiz em minha vida.

Realmente, o livro era diferente. Falava de criaturas que estiveram na Terra milhares de anos antes dos homens, rituais hediondos e informações sobre a origem do universo.

Acabei dormindo tarde e tive vários pesadelos com aquelas criaturas.

Na noite seguinte, encontrei Nicolas na biblioteca. Falei que gostei do Necronomicon, com a ressalva de que eu não acreditava em nada daquilo.

— Deixe-me lhe mostrar uma coisa.

Ele colocou as mãos na minha cabeça e disse algumas palavras. Entrei em transe. Senti meu corpo flutuando. Vi nebulosas, estrelas, galáxias. Entre elas, um humanoide com cabeça de polvo e asas de dragão e outro com cabeça de peixe.

Quis gritar, mas não consegui.

De repente, voltei à biblioteca. Alguns minutos haviam passado, mas senti ter percorrido vários éons.

— Se quiser saber mais, vá até a minha casa amanhã à noite. Temos um grupo de estudos sobre o Necronomicon.

Ele me deu o endereço e saiu. Não consegui prestar atenção nas aulas. Via vultos. Ouvia sussurros. Fui à sala do Nicolas, para ele explicar o que estava acontecendo. Entretanto, não o encontrei. Todos os alunos disseram que não havia nenhum Nicolas naquela turma.

Li novamente o Necronomicon e tive mais uma noite de pesadelos. Passei o dia todo delirando.

Fui à casa do Nicolas como combinado. Ela ficava numa rua deserta. Suas paredes estavam rabiscadas com uma espécie de hieróglifo. Não havia vidros nas janelas, nem iluminação. A porta estava aberta e dela vinha uma música.

Na sala, havia várias velas sobre móveis e no chão. Entrei na cozinha e vi diversas pessoas ao redor de uma banda. As guitarras eram cruas e os vocais guturais pareciam sair de gargantas não humanas. O idioma era desconhecido, mas o público acompanhava a letra hipnotizado. Perguntei onde Nicolas estava, porém, ninguém disse nada.

De repente, a banda parou.

— Ele já está entre nós — disse o vocalista. Vamos receber nosso mestre.

Nicolas surgiu no meio da plateia. O público delirou. Não imaginava que ele era tão querido.

— Meus servos — disse Nicolas — vamos dar boas-vindas ao Rodolfo. Ergue a mão, Rodolfo, para o pessoal te conhecer.

Levantei a mão devagar. O público olhou para mim, dizendo palavras impronunciáveis.

— Sem mais delongas, vamos começar as demonstrações.

Nicolas abriu os braços e fechou os punhos. Contorceu o rosto, como se levantasse algo pesado. Uma cauda estourou a parte de cima da cabeça dele, espalhando miolos. Sua boca escancarou em um grito, enquanto os dedos de suas mãos viraram garras. As pernas se tornaram tentáculos. O público louvava Nicolas. Eu conhecia aquela figura do Necronomicon. Era Nyarlathotep.

Ele enrolou meu corpo em um tentáculo, como uma jiboia. Gritei, chorei e, curiosamente, gargalhei. Nyarlathotep me levou até sua bocarra, que fedia peixe podre. Outro tentáculo gosmento saiu dela e lambeu meu rosto.

Perdi os sentidos por causa da dor e do pânico

Lembro-me de acordar no pronto-socorro. Meus pais me visitaram e disseram que mendigos me encontraram inconsciente e ferido em uma casa abandonada. O hospital encontrou o telefone da minha família no meu celular.

— Você está usando drogas? — perguntou minha mãe.

— Claro que não!

— Então o que foi que aconteceu?

Contei toda a história. Meus pais se olharam. Tiveram certeza de que eu era drogado.

Mais tarde, Nicolas surgiu ao lado da minha cama com seu sorriso malicioso.

— Saia agora! — disse.

Mas ele permaneceu no mesmo lugar.

— Vou te matar, desgraçado. Nunca serei um dos seus.

Pulei da cama. Comecei a golpeá-lo com o cabide do soro, mas não o acertei. O tubo escapou da minha veia, derramando sangue. Os demais pacientes pediram ajuda. Os enfermeiros me seguraram e pediram calma, porque não havia ninguém ali. Imobilizado e ainda ofegante, olhei ao redor. Nicolas havia sumido.

Voltei a vê-lo na casa dos meus pais. Arremessei móveis e eletrodomésticos contra ele. Peguei todos os meus livros e os queimei no chão do quarto. Eles não faziam mais sentido.

Preocupados, meus pais me internaram neste hospital psiquiátrico. Continuei encontrando Nicolas e muitas vezes precisei ser sedado. Não parei de vê-lo, mas decidi ignorá-lo.

Observei a chuva que caía lá fora. Vi Nicolas ensopado no jardim sorrindo. Certamente, gostou do que escrevi.

# *TERREIRO DIGITAL*

Os sons dos atabaques ressoavam nas cabeças e corações dos presentes. Os tambores ditavam o ritmo da gira. Na atmosfera, o vermelho e o preto eram predominantes, fosse no congá, fosse nas vestimentas e luzes. Pés descalços ziguezagueavam no chão de terra batida, e batida era pelos muitos pés que por ali passavam e gingavam. Capas e saias rodadas desfilavam em meio a uma atmosfera impregnada com a fumaça de cigarros, charutos, essência de especiarias e pelas sonoras gargalhadas zombeteiras.

Um par de olhos fechados agora se abriam atentos ao terreiro, examinando e perscrutando além do espaço físico que o delimitava. Olhos estáticos, na soleira do portal que levava ao ambiente externo. Num breve relance, diriam que era um olhar perdido. Mas seria uma superficial impressão de um reles espectador desavisado.

No centro do terreiro, um par de auxiliares aguardavam em pose de mãos enquanto o cavalo era montado. Cabeça encurvada, o rosto estava oculto sob madeixas negras. Músculos das mãos se tremendo, contraindo. De súbito, como uma ventania, o corpo do cavalo se reclina para trás e gira, da esquerda para a direita. Uma gargalhada ecoa por todo o salão, mãos à cintura e quadris para frente. Olhos fechados, sorriso faceiro e malicioso no rosto. Mesmo parado, o gingado permanece suavemente em seu tronco. A pomba-gira montou.

A figura que antes observava de costas à porta, agora se dirige em direção à pomba-gira. O olhar observador é substituído por um atento. A pomba-gira o relança de cima a baixo, com o sorriso ascendente de canto de boca.

– Boa noite! – A pomba-gira saúda o que se aproxima.

– Boa noite, pra quem é di boa noite... – Assim ela é respondida. – Cê deseja alguma bebida? – A pergunta é lançada de olhos nos olhos.

– A minha, por favor, um licor de anis. – Diz isso enquanto acende sua cigarrilha.

Em gestos precisos, um cálice de vidro fino é servido enquanto, fluidamente, a pomba-gira dança. Agora o olhar do consulente é de expectativa e suplicante. Ela inala a fumaça do cigarro e bafora no cálice. A fumaça decanta pesadamente no cálice e se mistura ao azul da bebida. Suavemente, a mão delicada gira o fluido azul na fumaça. Olhos femininos faceiros, fixos em olhos suplicantes, que agora se encaram. A pomba-gira liderou o diálogo:

– Bebe comigo?

O cálice passa suavemente de uma mão para a outra.

– Concentre-se no que veio pedir... e cuidado no que desejar – Alerta com delicadeza. Cartas de baralho lhes são entregues e devidamente embaralhadas. No chão, elas são dispostas. O consulente corta o baralho e se tem início a leitura.

O olhar do consulente continuava fixo.

– É dura sua atual situação. – Rugas suaves surgiram em sua testa.

– O desemprego e o câncer não são tão fáceis – Olhos tristes marejavam – e o tratamento não tá sendo fácil”.

– Vejo seu olhar sem brilho, opaco... o olhar de quem sofreu dos efeitos da guerra – A pomba gira pontuou empaticamente, mostrando o ás de espadas.

– Acho que minhas próteses fotolentes ajudam a tirar esse brilho... ainda sinto dores de cabeça da adaptação...

– Cê sabe que vejo além disso... – Valeta de espadas.

– Ainda sonho com os brilhos reluzentes das alumiadoras fotoônicas do campo de batalha... Ainda dói... – Rugas se formavam no canto do olho frente à lembrança.

– Sua missão... – Pontuou a pomba-gira, identificando o problema, com o rei de copas.

– Sim, falhei duas vezes... primeiro, perco meus amigos de batalhão e agora volto à Terra, disajustado, desempregado, inútil pra sustentar minha família.

– Mas está vivo. Por que tudo é uma missão? Veja como ciclos... – Quatro de copas.

– Se for assim, vejo o meu próximo do fim.

– Não diga isso, todos têm seus momentos. O seu ainda tá por vir. – Falou positivamente a pomba-gira. Ás de ouro no centro das cartas em cruz.

– Essa esperança é torturante, num fui bom soldado... num fui bom chefe de família... sou quase um inválido à beira da morte – Olhos marejados, mas sem lágrimas.

A pomba-gira estendeu seus braços. Peito com peito em um abraço. Um sobressalto:

– Era isso que precisava... Não era pra tá aqui... – O olhar do consulente se transformou.

– Você está exatamente aonde seu caminho o levou – A pomba-gira se afasta.

– Num sô eu... é cê qui num deveria tá aqui.

A pomba-gira lança um olhar incrédulo, mas tentando se camuflar com dissimulação.

– Sabe, num senti nada desde que tu veio em terra agora, pela primeira vez

– Disse agora os olhos do consulente, se tornando claros, astutos, apesar de biônicos – E sempre soube que esse era o problema – disse, traçando um círculo ao redor da pomba-gira. As entidades em terra abriram um círculo ao redor da cena. Os médiuns e assistentes agora se atentavam.

Em um passe de mão, um QR code é impresso no peito do avatar do médium, que começa a se desfazer em voxels, enquanto a figura da pomba-gira é empurrada para trás e se prende a um sigilo desenhado no chão, agora brilhante. A figura cibernética está paralisada.

– Uma IA de propaganda hackeando nosso terreiro... então não são *fake news*...

– Falou o pai de santo. Os tambores agora eram silenciosos. – Tão nos espionando.

– Sim. – Falou o exu – Ela não percebeu que eu era uma entidade em terra e que tinha inventado tudo. Essas coisas também num consegue lê as sincronicidades dentro da aleatoriedade do jogo das cartas. Estão nos usando pra fazer “consultas espirituais digitais” (como cês dizem) em troca de uns trocados de quem sofre. Mas eles num sabe... macumba tem mironga, é pessoal e universal... tem axé... tem identidade. Não dá pra copiar e vender isso.... não verdadeiramente.

A cena congela. Um grande triângulo de play aparece no meio.

Fim da gravação “Transmissão da Live Festa para Exu.mn”

Arquivo gravado em acesso remoto sob IP 176.777.54.321.

Todas as gravações e transmissões são protegidas por criptografia de ponta a ponta.

Deseja repetir gravação mnemônica?

# SISTEMA AMARY

**M**eu nome é Amary. Faço parte de um complexo e refinado sistema de Flora Android em 2064. Habito a região norte do Brasil. Durante o dia sou igual a uma “árvore”, nome que aparentemente era dado as minhas ancestrais. Mas durante a noite... ai está minha magnitude. Eu sou fluorescente. A luz solar que absorvo durante o dia é emanada de mim quando o sol cruza a linha do horizonte e some. E o mais curioso sobre minha existência é que apesar de ser um corpo isolado, faço parte de um coletivo de corpos, fluorescentes como eu. Contudo essas outras partes podem ser que nem eu ou ter algumas outras formas, “modelos”.

Nossas vidas se conectam pelo subsolo, um enorme sistema denominado fios-raiz. Assim, se uma parte do todo não receber luz suficiente durante o dia podemos dividir entre nós, e emitir igualmente a mesma quantidade e intensidade de radiação luminosa, à noite.

Somos um tipo de inteligência artificial, segundo o sistema geral de nossa consciência - somos linkados a um programa similar à internet, um “cérebro” com todas as informações necessárias sobre o que chamam de “vida”. Uma rede integrada, robótica, tecnológica, que produz luz e oxigênio para os outros seres vivos. De fato, somos muito inteligentes. Ou eu não estaria aqui narrando palavras codificadas ao meu software de memória para armazenamento - ou B.U.L.B.O.

Eu estava satisfeito com a minha existência... até domingo passado, quando ouvi uma conversa que mudou tudo. Tenho orgulho de dizer que faço parte do que chamam de “Simulador Natural I”, o primeiro da rede de parques artificiais construídos. Porém, me localizo em uma área de borda, o que implica em menos visitas humanas. Mas acontece que domingo passado duas humanas, fêmeas, se sentaram ao meu pé para conversar; uma ocorrência inédita.

Uma delas de idade bastante avançada, cabelos brancos, pele já com muitas marcas, e andar vacilante, se movia apoiada a um estreito artefato metálico, e seu corpo era muito magro. A outra, uma criança, por volta de uma década de vida, presumi, pelos padrões que conheço. Seus cabelos escuros e cacheados, caídos até os ombros, os olhos castanhos e... curiosos ? Como eu nunca tinha visto, piscavam muito, vislumbrando tudo ao seu redor. E então, a conversa:

— Verdade, vó?

— Juro. Não tenho porque mentir!

— Mas então me conte mais! As árvores... as árvores não precisavam ser criadas? Elas nasciam sozinhas ? Do nada ?

— Vou te contar melhor - disse a senhora rindo - Quando eu era jovem, as plantas ainda não eram as artificiais. As árvores que você tanto ama existiam aos milhares de tipos, com diferentes flores, frutos... — Frutos ?

— É, isso eu te conto outro dia, vamos ao básico primeiro. As árvores tinham seu ciclo de vida, elas surgiram na Terra muito antes de nós humanos.

— Elas são mais velhas que a senhora ??

— Ah sim, as verdadeiras árvores são... eram grandes anciãs do tempo. Esses frutos que falei continham o que chamávamos de sementes, e essas sementes, quando caíam na terra, no chão, germinavam, e cresciam aos poucos, com a ajuda do sol, da água e de algumas outras coisinhas... — Como bebês ?

— Isso, pode-se dizer que sim. E elas cresciam e cresciam, transformando o ar em matéria, e nos fornecendo nosso precioso oxigênio. — Como Amary?

— Sim, mas cada uma à sua maneira, em seu tempo. E aqui mesmo, onde estamos, existia a maior floresta do mundo, no meu tempo de jovem, claro.

— Floresta?

— Isso, um conjunto de árvores formando uma extensa área verde de grande porte, além de muitas outras plantas e animais.

— Mas como? Se ninguém as montava?

— Ah, elas eram livres, éramos todos livres. Bem, um dia talvez você entenda...

— E como era o nome? O nome da floresta?

— O nome, minha neta, era Amazônia. Um enorme conjunto de organismos vivendo em paz, mas sobretudo livres, livres do medo e livres do fim. Não a rede Amary, uma máquina, um complexo de engrenagens que surgiu como uma boa ideia para áreas urbanas e tomou o lugar dos ambientes naturais nos obrigando a viver assim com essas máscaras e...

— Vovó, você fala difícil. Mas acho que entendi... nós humanos somos... maus ?

— Bem, não diria maus, diria talvez... burros, e apenas parte de nós, mas infelizmente a parte que enxergava esse caminho que daria errado não conseguiu ter voz suficiente.

— Puxa, queria ver essa floresta como você disse, parece mágica. Mas ela brilhava também, a noite ?

— E era, minha querida, e era. A mágica da existência das plantas, da fotossíntese, de uma longa e linda história de vida, que infelizmente chegou ao seu fim. Elas não tinham luz como Amary, mas para isso tínhamos outras formas de iluminação.

— Realmente seria legal não precisar dessas máscaras, ou não precisar viver em ambientes fechados, porque isso eu sei que é coisa de hoje em dia também.

— É verdade, não é muito agradável não é mesmo ? Ter janelas e não poder abri-las. Quem sabe, Alice, quem sabe um dia ainda possamos voltar a vida de verdade... mas agora vamos, ou seus pais vão brigar comigo por termos nos afastado tanto da cúpula central.

— Sim as janelas que abriam são outra coisa muito legal que você já contou. Podemos ir mas promete outro passeio ? E ai você me conta desses tais frutos ?

— Prometo, prometo! Mas não conte a seus pais, eles não gostam que eu fale dessas coisas, muito menos com você. Dizem que é antiquado e não moderno, me chamam de louca, por acreditar que ainda podemos voltar para a vida como era... mas se eu não tiver fé quem terá não é mesmo ?

— Verdade, vó, prometo não falar nada. Podemos tomar cápsulas de peixe com açai na volta...

Elas se afastaram e não pude mais ouvir a conversa. Das poucas vezes que vi humanos eles não comentavam sobre a vida, sobre passado. Falavam de tecnologia, de upgrades, atualizações, sistemas operacionais... enquanto corriam, com seus fones, falando ao nada. Essa conversa me mudou, pela primeira vez consegui entender melhor o que chamam de “viver” no meu sistema de dados do B.U.L.B.O. E esse caminho não tem volta.

Comecei a me questionar... se existiam árvores como sistemas independentes da criação humana, livres, em complexos denominados florestas, com as mesmas funções que eu, porque eu existia ? Talvez minha forma, a capacidade de emanar luz conjuntamente com as funções da minha ancestral árvore, seja algo novo, mas isso não é suficiente para justificar minha existência. Me chamam de máquina, artificial, e eu sempre me orgulhei do meu papel como tal, mas pela primeira vez, senti o peso negativo dessa classificação, o peso que aquela senhora me mostrou, e isso me feriu, feriu a minha existência.

Sou eu uma grande ficção? Uma farsa. Um erro disfarçado de salvação? A floresta, essa tal floresta, ela era livre, não dependia dos humanos, não era formatada, atualizada, consertada, e ainda sim surgiu e viveu muito mais tempo que esses seres. Humanos, qual sua verdadeira intenção com minha existência? Porque sou necessária? Porque fui criada? Minha existência não é minha e é uma mentira que me foi contada? Porque? Porque existo? Penso, logo existo? Me disseram, mas isso não é verdade. Eu sou uma obra, um Frankenstein limitado, exercendo sua função rotineira, sem nada questionar, imóvel. Porque me fizeram então inteligente? Eu não pedi consciência, não pedi conhecimento, não pedi para existir. Penso, logo existo? Ou penso o que querem que eu pense, para existir como os interessa? Esses humanos, por que...

Nesse momento na cúpula central, um fio da rede é desligado da esfera central de armazenamento. Dois funcionários do “Simulador Natural I” conversam:

— Infelizmente é o preço que se paga para conseguir que elas tenham a mesma função das árvores reais antigas. Um mínimo de consciência em dados. Anote bem, deve ser feito dessa maneira que eu fiz, o desligamento. E então pelo punho comunicador você determina o porquê do desligamento e envia a central de monitoramento.

— Sim, senhor, e no caso então ela começou a apresentar um excesso de energia certo? Uma falha pontual no sistema Amary I.A., sendo cortada para evitar maiores problemas posteriores. E qual o tempo médio de vida delas ?

— Exatamente, você vai se dar bem na empresa Sr. Thomás... o nível de consciência dela ultrapassou o limite ideal, se não houver rápido reparamento, pode afetar outras partes do todo. Cada protótipo dura cerca de oito meses, e então a equipe de campo efetua a troca do aparelho.

— Ok. Anotado, e o que eu coloco no campo de diagnóstico final?

— Bem, pelo que vejo ali no software independente do android 4562.B pode colocar: Desligamento devido à crise existencial.

tão grandes e tão brilhantes assim! Ela o olhou profundamente, e disparou:

— Não preciso de álbum. Dispensou.

E, diante do olhar perplexo do tatuador, começou a se despir: arrancou de uma só vez a túnica longa coloridíssima que vestia, e ele logo observou que a pele da mulher era totalmente lisa de tatuagens. Nem uma mísera florzinha sequer! Pele alva e virgem, translúcida...tela em branco clamando pelas mãos de um grande artista – ele pensou.

— Claudina, não precisa tirar a roupa toda! Mas ela tirou. Ficou apenas com uma calcinha bege e o turbante. Barão ficou com os olhos arregalados até que, de repente, ela virou-se e ele pôde ver uma cicatriz torta e medonha – que ia da nuca até o início das nádegas: um metro de cicatriz densa e disforme. Ele suou frio. Não conseguia esboçar reação. Claudina voltou-se para diante dele e, com uma voz firme e impositiva, disse:

— Quero que você me tatue.

Sensibilizado e bem nervoso, ele apiedou-se da mulher.

Não perguntaria, jamais, quem lhe fizera tamanho mal; não queria chamar atenção para o rasgo grosseiro e brutal que ela carregava nas costas. Quem teria feito tamanha barbárie com ela? Teria sido uma cirurgia? Não, era um corte profundo, imperfeito e pavoroso. Feito de qualquer jeito. Abrupto.

Sentiu-se prestigiado e, até, honrado. Não apenas traria uma nova vida para ela – que merecia resgatar sua autoestima – como teria oportunidade de criar. Aquele era um dia que se tornaria inesquecível para ambos.

A pele dela era a tela esplêndida que ele esperava, mesmo com a deformidade corroendo tudo, miseravelmente. Um torto bordado esburacado, naquelas costas

mortificadas. Mas ele daria tudo de si! Seria sua real obra-prima e, ainda, com valores humanitários. Os cinco anos na Escola de Belas-artes e a nota máxima na monografia final, finalmente estariam honrados.

— Senhora Claudina, não se preocupe. Tenho uma ótima ideia para cobrir sua cicatriz – disse Barão.

Ela o olhou no fundo dos olhos, e sussurrou quente em seu ouvido:

— Eu não quero cobrir a cicatriz.

Ele pasmou, e quase engasgou.

— Não? Como não? – Perguntou, deixando escapar sua indefectível decepção indisfarçável.

E achou que havia sido rude e deseducado. Claudina não tinha complexo algum com a marca! Que vergonha ele sentiu! Mas tudo bem: agora, faria um desenho extraordinário, colossal, ao redor da cicatriz... tudo estaria resolvido e, a gafe dele seria perdoada.

Ela não quis ver o mostruário, então, confiava no talento dele - pensou. Quem sabe pudesse tatuar todos os momentos marcantes da vida dela? O nascimento dos filhos, o primeiro grande amor inesquecível... aquele corpo branco ficaria como uma Capela Sistina, retratando o histórico de uma vida. E lágrimas caíram de seus olhos. Sua arte represada, desvalorizada, finalmente jorraria em triunfo!

Olharam-se com cumplicidade. Havia uma tensão benigna no ar. O resultado seria o melhor dos mundos. Que felicidade ele sentiria, proporcionando àquela mulher provavelmente tão sofrida, um oásis de beleza e de cura em seu corpo.

Claudina deitou-se, e Barão a cobriu com um lençol – delicadamente – deixando apenas suas costas nuas; colocou as luvas, máscara, e puxou a mesinha com o material que usaria: muitas tintas, as mais caras e raras, a seu dispor. E viu-se como um cirurgião emanando luz divina através das mãos...mãos de um grande pintor, de um escultor. Sentiu-se poderoso, como jamais. Sentiu-se: Deus.

Claudina estava em silêncio, mas com a respiração ansiosa e forte, denotando uma grande emoção contida.

Entusiasmado e esfuziante, o tatuador sentou-se no banquinho diante dela e perguntou, eufórico:

— Então, Dona Claudina...tenho tantas ideias para desenhar em sua pele... a senhora quer sugerir algo? – Ao que ela, com os olhos ensopados, represando o choro, respondeu: — Quero que tatue minhas asas, que o caçador de borboletas arrancou.

E retirou o turbante, revelando duas enormes antenas que quase tocavam o teto.

Barão viu tudo escuro e, derrubando todas as tintas ... tombou.

Ao acordar, estava sozinho, e achou que tivera um terrível pesadelo.

Foi ao Google, buscou pelo estranho nome da mulher, e desmaiou mais uma vez: caindo ao lado de um turbante amarelo.

# UM CORPO MERGULHADO

Ester olhou fundo, como no dia anterior, mas não conseguia identificar o que havia de tão estranho no sorriso daquele homem. Tentava avaliar a situação, mas esbarrava na própria fúria de saltar naquele abismo. Nem parecia que só tinham se conhecido na noite anterior. Era mais como se tivessem se reencontrado depois de tempos imemoriais. Mal hesitou quando ele disse que apareceria hoje de novo. Abriu a porta no primeiro chamado de seu nome. Mas a cada olhar se perdia naquele mistério, como se os olhos, a pele, a boca, fossem signos que precisasse interpretar. E tentava interpretar também a si mesma, e descobrir por que não hesitava, por que pela primeira vez, desde aquela noite no inferno, não hesitava.

Ester era inteiramente incômodo e desejo. O próprio corpo ansiava por descobrir algo que estava oculto. Nele? Em si? Ele tinha a voz simultaneamente macia e metálica. Ecoou pela casa quando entraram. E a casa toda se tornava estranha. Os passos dele, invasores, lembravam o piso virgem dos passos de meses atrás. Porém, era como um negativo daqueles passos, provocando vontade de descoberta ao invés de fuga.

Nesse momento ele a abraçou. Era um abraço de mil espadas. E, no beijo, metade dela desapareceu, como se tentasse coordenar os gestos a partir de um observatório de dentro de si e nada mais estivesse fisicamente ao seu alcance. Havia pouca decisão em qualquer movimento que fizesse dali em diante. O beijo dele também era macio e metálico. Embora fossem de um jeito que nunca tinha sentido antes, lembravam aqueles do passado, guardados em si, nessa mesma região de onde agora observava, ébria nas próprias sensações.

Nesse quarto não, esse quarto eu sepultei, ela gostaria de dizer. Mas era como se explodisse dentro de um rio. O rosto talvez borbulhasse um medo, mas não conseguiria dizer, e ele já não parecia querer saber. Talvez nunca quisesse saber nada, nem nome, nem endereço, nem o que

tinha feito aquele dia. Já conhecia tudo que havia para conhecer. Apenas queria levá-la por portas e mais portas. Ester, Ester, vamos ao lugar que sepultaste.

Ela era levada, e ele a abraçava com o frio de espadas, mil espadas. Como um rio, como aquele rio do passado, agora lhe invadindo, onde ela mergulhava sem querer, por querer, onde mergulhava sem o domínio do corpo, e talvez aceitando, porque chega de segredos. Ela não conseguia mexer a maquinaria. Tinha medo dos rios. Delírios. Corpos afundados. Na parte macia da voz daquele em que se apoiava, parecia ver o outro, o do passado, que sumira no escuro do rio, repleto das pedras, desbravando tão rápido uma profundidade que ela nunca conheceria, a não ser agora, toda a profundidade de um rio segurando-lhe pelas costas. Sentiu que lhe pesavam as consequências.

No quarto, ele nada fez, apenas esperou. Sabia que as tempestades viriam, e Ester afundou mil camadas do chão. Tudo nela era meio oceânico. Sem o braço dele em si, ela recuperava aos poucos o controle, mas era tarde. O quarto avançava como uma onda que não podia impedir. A cômoda flutuava, a cama estava repleta das águas, tudo se moldava como em um aquário. Ela pediu desculpas ao passado. Quase conseguia enxergar os cacos, o sangue tão bem limpo, o abajur quebrado que fora consumido, triturado, jogado em outros matos. Bastava um abajur para desfigurar no impulso da raiva um rosto que amava. Já tinha sepultado. Mas algumas coisas não se sepultavam.

E, insepulto, o passado renascia no rosto do homem que a acompanhava. Ele mudava de forma, diminuía, dissolvia as feições belas e frias para apresentar um pálido rosto esburacado, uma pele fina estendida por um rosto murcho. E no rosto murcho ela descobria o homem que tinha matado, como se diminuído no meio dessa forma corcunda, frágil e ainda assim ameaçadora. Ainda ele, gelado de rio, transformado em superfície sem vida. Somente metálica agora.

Ele tinha sido bonito até que deixara de ser, naquele ataque súbito, um soco, ela ainda sentia na bochecha esquerda. Por esses meses não tinha deixado de sentir. E ainda conhecia a fúria se apossando, a fúria no abajur estilhaçado, todo o quarto habitado por sua luz pálida. Ester sentiu o sangue de antes, o sangue brotando nas roupas como antes. Não deu tempo de ter medo, mas ainda teve raiva, enquanto o destino chegava nas mãos metálicas. Ester, Ester. Se deitou na cama que nunca mais ocupou,

tentou recuperar nos gestos a vontade que já estava pequenina no centro do corpo, mas o resto já adormecia, dominado por mil pragas.

Sabia-se num delírio que não mais acabava, a lucidez sendo comida aos poucos. Sentiu o ar escapar de si sem ter novamente o que a preenchesse. Lutava pela volta de um ar que lhe arrebatasse, com raiva, medo, culpa, com todos os sentimentos que nublara após aquele dia. Mas como se embaixo d'água, trancada a respiração, sentia em cima de si o peso de um corpo repleto de pedras.

# PLÍNIA E OLÍMPIA

Cortava a cidade um riacho verde ou azul que dividia as pessoas tanto em geografia (os que moravam do lado de cá e os que moravam do lado de lá) quanto em opinião (os que achavam que o rio era verde e os que achavam que ele era azul). A cor era uma só dia e noite, mas havia os que batiam o pé e proclamavam que o rio era azul imaculado como o céu, e os que não aceitavam que ninguém discordasse que ele era verde como a grama fria.

Foi essa ambiguidade que inspirou Maria Silva a escolher verde e azul para os olhos de Ivan, seu terceiro marido. A septuagenária, viúva e esquelética Maria Silva, projetou e construiu os maridos que teve, até onde se saiba, três. O primeiro, Pedro Papel, foi feito de papel machê e se desfez em um dia de chuva. O segundo, Wood, foi feito de madeira e se queimou até a medula em um pequeno incêndio controlado. Ivan era feito de metal, todo ferro velho, charmoso no seu estilo sustentável.

A cabeça cinérea era feita de crânio puro, sem nariz e com o maxilar móvel (embora fosse apenas um truque de humanização, pois a sua fala era cinético independente). Era um robô saudável e não dormia. Pela manhã, costumava caminhar e conversar com as pessoas que lavavam a louça, mas só aquelas que tinham a janela da cozinha alinhada com a pia e podiam ver Ivan quando ele passasse. Havia um hábito entre elas de presentear o homem metálico com ímãs de geladeira e Ivan, às vezes, chegava em casa pesado demais para suas roldanas internas, embora isso não o afetasse com mazelas humanas como a fadiga ou a exaustão. Ele ia à própria cozinha arrumar os novos ímãs na geladeira e, diante da retangular e operária colega, ruminava triunfante sobre a sorte que fez dele a máquina andante e falante, entre as duas.

Já foi dito que cada um dos seus olhos era de uma cor, o que pode ser reconhecido como a marca da engenheira, que detestava pares idênticos. Alguns podiam entender como um capricho, uma assinatura de artista, o fato de que Maria Silva não permita a repetição de objetos na sua casa. Para o

café, ela se acomodava em uma cadeira de vime e encosto almofadado enquanto Ivan se sentava em uma cadeira de madeira pintada de branco, não muito confortável (mas ele não reclamaria nem se houvesse pregos no assento). Ela bebericava café adoçado, na xícara com motivos geométricos, e ele encarava uma xícara azul turquesa de asa dourada, que estava ali por disciplina, assim como ele na mesa. Outro exemplo, esse um pouco mais absurdo, eram os sapatos. A velha Maria Silva não tinha sapatos iguais, ainda que a forma diferente para cada pé tivesse sido inventada já no século 19. Ela possuía modelos iguais de cores diferentes ou cadarços variados. As mãos, Maria diferenciava com unhas compridas na direita e cortadas na esquerda.

Não eram variadas as irmãs Plínia e Olímpia. As duas brincavam em frente à casa de Maria, arremessando vez ou outra uma bola ou boneca no alpendre da velha e tendo que, muito habilmente, recuperá-las em silêncio. Plínia era baixinha, risonha, grosseira, um pouco abusada, e Olímpia era exatamente igual. Olímpia tinha o rosto pequeno, os olhos grandes sob sobrancelhas espessas e o cabelo caramelo repartido ao meio, e Plínia também. Ninguém sabia qual das duas tinha nascido primeiro porque a enfermeira havia se confundido logo que elas foram postas lado a lado. Gostavam de usar roupas idênticas e quando pintavam as unhas uma da outra pareciam uma lemniscata muito graciosa e agradável. A regra geral dos gêmeos é que sejam iguais de aparência e não necessariamente de temperamento, mas calhou de nascerem no mundo duas meninas tão iguais que se diria que só uma delas realmente existia.

Uma vez, Plínia jogou uma peça de dominó que foi parar a um palmo do tapete “welcome” da velha Maria. O terror maior foi perceber que Ivan estava ao lado, repousando sua lataria em uma cadeira. O robô recolheu a peça antes que as garotas pudessem se aproximar. Elas nunca haviam falado com ele e achavam que ele fosse ladrar como Maria Silva, que detestava o par de meninas, mas ele apenas devolveu a peça com um sorriso de ferro de passar roupas.

Olímpia e Plínia responderam em uníssono:

— Obrigada, tio!

*Qual de vocês é a verdadeira,* ele pensou em perguntar, mas o

programa de *bons modos e cortesia* bloqueou a pergunta. No dia seguinte, contou à esposa que havia sonhado (não sonhava realmente, mas fechava as pálpebras de estanho e produzia vários pensamentos livres que chamava de “sonho”) com as gêmeas que moravam em frente — que elas eram duas e então três, e depois quatro e cinco, e quando ainda podia contar, havia uma dúzia delas, todas com o mesmo projeto de construir um palácio de dominó de marfim. Maria Silva escutou franzindo o rosto em repulsa, e então teve uma ideia. Abriu a tampa nas costas do robô, revelando um computador torácico no qual ela trabalhou por meia hora inserindo certa funcionalidade nova.

Quando carregado de ímãs, certa manhã Ivan encontrou as gêmeas brincando na calçada. As meninas, com quatro mãos sincronizadas, começaram a mexer nos ímãs novos, mudando de posição como lhes parecia mais apropriado.

Com a voz de um ventilador, Ivan perguntou:

— Olímpia, qual é a sua música favorita?

A menina estranhou a aleatoriedade da pergunta, mas achou que fosse coisa de robô e respondeu sem rodeios:

— A música do comercial de inseticida!

— Plínia, qual é a sua música favorita?

A irmã também não pode ignorar a rapidez com que ele mudou de interlocutora, mas achou que fosse coisa de robô e respondeu idêntica:

— A música do comercial de inseticida!

— Olímpia, o que você faz quando está com dor de dente?

O robô continuou disparando perguntas idênticas para as duas, uma por vez. Elas entenderam que ele estava brincando de programa de entrevistas e passaram a cruzar as pernas e rir alto como as moças entrevistadas na televisão. Variando entre Olímpia e Plínia, ele perguntou qual livro elas detestavam, qual seria o seu marsupial favorito, qual seria o seu número da sorte, se elas acreditavam em Deus, o que elas preferiam: charrete ou automóvel, balão ou dirigível, skate ou patins, etc...

Quando Ivan chegou em casa naquele dia informou que as meninas tinham respondido a todas as perguntas igualmente. Então, com uma careta de nojo, Maria Silva abriu a tampa entre as omoplatas do robô e digitou no minúsculo teclado aproveitado de um pager fabricado em 2001.

No dia seguinte, quando as meninas encontraram Ivan e o convenceram a brincar de pular corda (ele segurava uma ponta enquanto as duas se revezavam entre girar a corda pela outra ponta e pular), foram novamente atacadas com uma série de perguntas. Daquela vez os questionamentos vieram como desafios — o que elas preferiam: jacaré ou crocodilo, camelo ou dromedário, cordeiro ou cabrito, violeta ou púrpura, Coca-Cola ou Pepsi... Elas nunca escorregavam e sempre davam a mesma resposta.

Naquele dia também, Ivan chegou em casa e relatou que as meninas responderam tudo igual. Maria Silva transformou o rosto em uma carranca de asco. O motivo pelo qual a velha contorcia o rosto todas as vezes que pensava nas gêmeas rubicundas repetindo as mesmas preferências, tinha a ver com a sua obra na juventude.

Enquanto funcionária da agência secreta, ela foi responsável pelas maiores inovações em seu campo de atuação, criando soldados com corações de puro bombeamento, os legítimos instrumentos da paz controversa no Oriente Médio. Quando se deu conta que seus meninos tinham matado em massa, o que a contabilidade comparou com Auschwitz, ela entrou em pânico, sofrendo a mesma penitência de Santos Dumont. Então, mudou de nome (para Maria Silva) e se exilou secretamente em uma cidade pacata com um rio no meio. Foi na mesma época que adquiriu uma aversão exacerbada por tudo que fosse em série — tudo que a sugerisse, mesmo que remotamente, um exército de robôs, — e decorou sua casa seguindo essa aversão, deixou as unhas de uma mão crescerem, passou a se olhar no espelho com um olho fechado, e nunca, nunca mais mesmo, entrou em um mercado. Agora, por mais que planejasse com esmero uma vida livre de multiplicidades, nunca havia lhe ocorrido, nos preparos, checar se por acaso havia de morar um par de gêmeas na sua vizinhança.

Certa manhã, o robô Ivan encontrou as meninas de galochas e varas de pescar.

— Hoje não podemos brincar de entrevista, tio. Amanhã a gente brinca!

— Aonde vocês vão?

— Vamos pescar lá no rio.

O robô computava todo o diálogo com as meninas, função ativada automaticamente após o reconhecimento facial. As interações vinham do programa básico de conversação que ele usava com qualquer humano.

— A Plínia sempre diz que o rio é verde, mas ela é doida, né? É claro que é azul.

— É claro que não! Você sempre insiste que é azul, mas o rio é verde, óbvio! Não é, tio?

— Desculpe-me, não sei responder a essa pergunta — Ivan disse com voz de liquidificador.

Quando voltou para casa, informou que não chegou a fazer as perguntas programadas na atualização mais recente.

— Elas não estavam na rua?

— Estavam sim, mas de saída para pescar no rio. Querida, hoje eu não soube responder a uma pergunta — Ivan era programado para alertar nesse caso, a fim de que a esposa pudesse abastecer seu banco de dados.

— E qual foi a pergunta?

— Qual seria a cor do rio.

— Ah! Isso! Bem, era para ser uma resposta só, mas nesse caso... Tem muita gente que diz que é verde, e tem outras que dizem que é azul. É quase como um teste psicotécnico a cor desse rio. Deixa isso para lá, te computar uma resposta só te personalizaria. Pode categorizar como “pergunta pessoal” — Sentando-se na cadeira de vime, Maria disse:

— Agora, chega aqui, pensei em umas perguntas novas para as gêmeas.

Ivan se agachou de costas para Maria Silva, que desparafusou a tampa do computador, reciclada de um modem fabricado alguns dez ou quinze anos atrás.